



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

RENATO DOS SANTOS SILVA

**FAXINAL – PR ENTRE MEMÓRIAS E MUDANÇAS:
O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO A PARTIR DOS PRÓPRIOS
MORADORES (1960-1975)**

Londrina
2017

RENATO DOS SANTOS SILVA

**FAXINAL – PR ENTRE MEMÓRIAS E MUDANÇAS:
O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO A PARTIR DOS PRÓPRIOS
MORADORES (1960-1975)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares

Londrina
2017

RENATO DOS SANTOS SILVA

**FAXINAL – PR ENTRE MEMÓRIAS E MUDANÇAS:
O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO A PARTIR DOS PRÓPRIOS
MORADORES (1960-1975)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr.
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, ____ de _____ de ____.

A Deus, ou qualquer que seja o nome do regente desse nosso universo.

Aos meus, que nunca me abandonaram e sempre me incentivaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por não me deixar desistir, por me dar forças, a mim e aos meus...

Agradeço aos meus pais, pelo incentivo, pelo amor fraterno que me deram durante toda minha vida, pelo apoio financeiro, por sempre me fazer acreditar que todas as dificuldades um dia se tornariam alegrias, obrigado dona Marilda e obrigado seu Arnaldo, enfim, seu filho está formado.

Agradeço a minha companheira Jackeline, namorada que acompanhou todo o processo que deu no presente trabalho, obrigado por me acalmar quando eu precisava, por me ajudar mostrando que tudo nessa vida tem um jeito, obrigado minha linda.

Agradeço ao meu orientador senhor Marco Soares vulgo Tatau, não só pela orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade, por dar os caminhos os quais eu deveria tomar para que esse trabalho fosse concluído, obrigado sensei.

Aos amigos e colegas que fiz durante esses quatro anos de graduação, principalmente os que dividiram comigo essa agonia de fim de curso, senhor Marcos Ferreira, dona Milena Dalla, aos que foram meus parceiros de estágio senhor Vinicius Corrêa e dona Mayra Ully, e a todos que fizeram de alguma forma parte dessa minha formação, obrigado a todos.

Agradeço as minhas queridas “colaboradoras” que durante o trabalho contribuíram e muito, compartilhando lembranças, memórias sobre a cidade de Faxinal - PR e sobre a vida das mesmas. Obrigado *Dona Lourdes* - Lourdes Farias, *Dona Nica* - Antonia Bocado e *Dona Cida* – Aparecida Cordioli, obrigado a todas.

A todos que me apoiaram, obrigado!

A oralidade quando vertida para o escrito congela a realidade narrada mudando a dinamica original. – José Carlos Sebe B. Meihy

SILVA, Renato dos Santos. **Faxinal – PR entre memórias e mudanças: O processo de urbanização a partir dos próprios moradores (1960-1975)**. 2017. 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar como se deu o processo de urbanização da cidade de Faxinal - PR a partir dos próprios moradores, para isso, iremos analisar como se deu o desenvolvimento da cidade, como seus moradores perceberam essas mudanças, e como essa transição foi sentida por eles. Como essas transições afetaram a vida de deles, iremos também ao longo do trabalho buscar entender esses moradores como agentes ativos nessas mudanças, como personagens dessas mudanças alterando a paisagem da cidade, e as relações existentes. Iremos também ressaltar a importância da memória dos que participaram desse processo de urbanização, que fez com que a cidade tenha sofrido essas mudanças nos anos do recorte do trabalho. Para o desenvolvimento do trabalho faremos análise de documentos de cunho historiográfico como discussões acerca de como a memória dos indivíduos interferem nas relações sociais existentes, além de documentos nos fornecerão recursos para formar uma compreensão sobre o tema central do trabalho. Tendo em vista que o foco principal é o entendimento do processo de urbanização a partir dos moradores, teremos como metodologia, os métodos e caminhos da História Oral, analisando todos os aspectos envolvidos e a relevância dessa metodologia na construção do conhecimento histórico. Tendo analisado o processo de urbanização de Faxinal - PR usando como metodologia a História oral, veremos como é presente a singularidade do discurso, e como um mesmo processo, pode ser compreendido de diferentes maneiras, ou seja, as mudanças na cidade como sendo rápidas de acordo com um olhar e lenta a partir de outra perspectiva. Assim sendo, iremos buscar analisar o processo de urbanização de uma cidade, a partir dos próprios moradores.

Palavras-chave: Urbanização; Faxinal – PR; Memórias; História Oral.

SILVA, Renato dos Santos. **Faxinal - PR between memories and changes: The process of urbanization from the residents themselves (1960-1975)**. 2017. 85 f. Course Completion Work (Graduation in History) - State University of Londrina, Londrina - PR.

ABSTRACT

This paper seeks to analyze the urbanization process that occurred at the city of Faxinal – PR, starting from its own citizens. In order to achieve that goal, we will observe how the city developed, how its inhabitants perceive these changes, and how this transition was felt by them. Since these developments have affected their lives, we will also seek to understand these people as active agents in these changes throughout the paper, as characters taking part in this development, altering the scenery of the city and the relations there present. We shall also emphasize the importance of the memories of those who were a part of this urbanization process, which caused the city to suffer these changes in the years that are relevant to this paper. In the development of this work we will analyze documents of historical aspect as a means to discuss how the recollections of these individuals interfere in existing social relations, as well as documents that will offer us resources that will aid the comprehension of the paper's central theme. In view of our main focus, which is the comprehension of the urbanization process from the inhabitant's perspective, we will be using Oral History as a primary means of study, analyzing all the relevant aspects and the importance of this methodology in the construction of historical knowledge. Having performed this analysis of Faxinal – PR and its urbanization process, we will see the presence of a singularity of discourse, and how with a similar process, it can be understood in different ways, in other words, how the changes in the city can be interpreted as quick occurrences from one point of view, but slow from a different perspective. As such, we shall analyze the urbanization process of a town, from the point of view of its own inhabitants.

Key words: Urbanization; Faxinal – PR; Memoirs; Oral History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa do Estado do Paraná em destaque a cidade de Faxinal - PR.....	08
Figura 2 – Mapa do Município (limites)	09
Figura 3 – Divulgação VII Festa do Tomate de Faxinal - PR.	11

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	2
1	CAPITULO I: Sobre a cidade Faxinal - PR e a importância da memória na construção do sujeito como ser social.....	8
2	CAPITULO II: História Oral: uma possibilidade de registro da história.....	21
3	CAPITULO III: O ser humano e sua relação com o espaço: O processo de urbanização da cidade de Faxinal - PR.	37
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
5	REFERÊNCIAS	51
6	APÊNDICES	53
	APÊNDICE A – Carta de autorização de uso de entrevista	54
	APÊNDICE B - Carta de autorização de uso de entrevista.....	55
	APÊNDICE C - Carta de autorização de uso de entrevista.....	56
7	ANEXOS	57
	ANEXO A – Dados de transcrição de entrevista	57
	ANEXO B – Dados de transcrição de entrevista.....	67
	ANEXO C – Dados de transcrição de entrevista.....	76

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar como se deu o processo de urbanização de Faxinal - PR entre os anos de 1965-1980, para isso, o trabalho está estruturado em três partes, na primeira, teremos uma apresentação acerca da cidade e sua região, mostrando aspectos geográficos e econômicos. Analisaremos como as mudanças acontecidas na cidade, dado o recorte temporal escolhido, fizeram com que a cidade tenha se tornado o que é atualmente.

O estudo sobre a cidade de Faxinal - PR se fez pertinente no sentido de buscar traçar quais os principais aspectos que mudaram a cidade, que os moradores guardaram na memória, como sendo as principais continuidades e mudanças na paisagem do município. Sendo assim, buscaremos a partir das lembranças dos moradores, traçar uma compreensão do que foram essas mudanças e do que representa para os moradores.

Compreender o que os moradores entendem como as mudanças na cidade se faz importante por proporcionar uma reflexão acerca nosso próprio papel na sociedade e como agentes ativos nas transformações que vivemos. O trabalho busca essa compreensão e como mudaram a vida dos envolvidos, e como afetam as relações sociais de cada indivíduo, tendo como pano de fundo uma cidade em constantes transformações, ora mais lenta, ora mais acelerada.

O objetivo principal deste trabalho é investigar acerca o processo de urbanização da cidade de Faxinal – PR, para isso se faz necessário compreender como se deu o desenvolvimento da cidade. Deste modo, caracterizar os principais personagens do período do seu surgimento, e buscar traçar um panorama de qual a importância dos mesmos.

Iremos, no decorrer do presente trabalho, analisar elementos de cunho historiográfico para procurar os agentes desse processo e identificar componentes que tragam a tona à importância da sociedade nessa construção, compreendendo a cidade formada pelos seus moradores, e seus respectivos papéis na comunidade como um todo. E principalmente registrar a memória dos que participaram desse processo evidenciando a importância dos acervos pessoais como constituintes de uma memória coletiva e social.

O presente trabalho se justificara por meio da importância de se considerar a História oral como método para o registro da História de determinada sociedade, no caso desse trabalho, da História da cidade de Faxinal, sendo a principal proposta, criar uma versão da História a partir dos seus agentes, a partir daqueles que a fizeram. O presente trabalho se faz importante como um estudo quase que pioneiro acerca a História da cidade, sendo portador de uma grande dificuldade, seja no sentido de uma abordagem teórica, quanto aos rumos que serão percorridos no seu desenvolvimento.

A seguinte pesquisa só é possibilitada no meio acadêmico, a partir das novas abordagens propostas pela *Escola dos Analles* (1929) onde a partir daí podemos pensar a História por meio de outras fontes além da escrita, e é com isso que a História oral ganha importância, e no caso deste trabalho, se torna o meio.

Portanto, além da questão da registrar a memória do cidadão faxinalense que viveu, direta ou indiretamente as mudanças que a cidade sofreu, o trabalho é significativo por apresentar importantes discussões acerca de conceitos – chave para a interpretação dessas transformações decorrentes a transição do tempo.

Auxiliar a compreender a identidade local dos moradores, fornecendo elementos que contribuam para os mesmos estabelecerem relações do seu passado com o presente, reconhecendo a importância de determinados agentes, e construindo a memória social coletiva dos moradores, portanto esse trabalho se faz importante na construção de uma identidade local/regional.

É importante ressaltar os pontos que serão abordados durante a pesquisa, no caso, do ponto de vista dos moradores do município, de forma oral, construindo a historia. O processo de urbanização, as mudanças ocorridas na cidade e como isso influenciou na vida de cada morador. Com isso o presente trabalho poderá incentivar a preservação de memórias, divulgando a importância da mesma na preservação da identidade do morador.

Analisando essas transições podemos de alguma forma, colaborar para registrar uma visão acerca os processos que causaram as mudanças da cidade nos últimos anos, mudanças essas, que mudaram a geografia de uma área, mudanças que influenciaram na vida de muitos moradores. Nesse sentido, para compreender essas variações, devemos

entender também o que levou a todas essas mudanças, como a relação entre o campo e urbano transformou a paisagem dessa região.

A presente pesquisa pode auxiliar a compreender de forma mais específica como se dá a relação local/regional contrapondo-se com o global, examinando quais os mecanismos que regem essa relação. Para o desenvolvimento do trabalho analisaremos como os moradores compreendem essas relações e como esses agentes da história contraíram para o desenrolar dessas relações.

Auxiliar na preservação da memória de moradores é sem dúvidas a principal justificativa para o desenvolvimento do presente trabalho, buscando registrar a importância de determinados agentes nas principais mudanças da cidade de Faxinal-PR ao longo dos anos. Com isso auxiliar na formação de uma identidade do que é ser um faxinalense.

Para o desenvolvimento do presente trabalho faremos uso da História Oral como método, não como fonte de estudo. Faremos assim, um estudo sobre o processo de urbanização da cidade de Faxinal-PR a partir do olhar do próprio faxinalense¹ para isso a História oral como método e meio para se chegar no registro da transformação da cidade na perspectiva de quem a viveu.

Analisaremos a importância da História Oral na construção de documentos para a pesquisa histórica, em outras palavras abordaremos o papel da História Oral na produção do conhecimento histórico, a fim de fundamentar a metodologia usada nesse trabalho, além de proporcionar uma reflexão acerca da construção do discurso historiográfico.

Além disso, a relação História/memória/documento será analisada nesse trabalho a fim de levantar pressupostos que nos permitam compreender como se dá o processo de construção do conhecimento, relacionando autores como Marc Bloch, Maurice Halbwachs, Le Goff, entre outros que possam nos ajudar a pensar esses principais conceitos chave para o desenvolvimento do trabalho.

¹ Morador da cidade de Faxinal - PR

Observaremos então como esses diferentes autores dialogam e como esse diálogo nos será útil nesse processo de construção de uma visão de um processo, a partir da visão dos entrevistados que nos auxiliarão nesse estudo.

Um fator relevante que será analisado nesse trabalho é o quesito “importância das pessoas” com esse trabalho poderemos discutir como esse elemento é tão presente na nossa sociedade assim como assinala Meihy (2010, p.57)

“(…) Quase sempre, é comum encontrar pessoas que não se acham importantes ou que delegam a outros a capacidade de narrar. Isso se deve a uma característica da nossa sociedade sempre aberta a celebrar pessoas e diminuir o papel das pessoas comuns.”

Para o desenvolvimento desse trabalho será analisado essa questão de como a História é feita por todos, e investigar o papel dos moradores nesse processo de transformações o qual a cidade passou. Nesse âmbito, busca-se colaborar e muito na conscientização dos residentes que pensam que a História só é feita e contada pelos “grandes”.

Discussões acerca o papel da memória na construção da História serão a todo o momento realizados, no sentido em que as mesmas é que nortearão o processo de análise das entrevistas. Sendo assim analisaremos o papel das memórias de alguns moradores os quais nos darão suas perspectivas sobre um processo coletivo.

Sendo a História Oral o método para o desenvolvimento, teremos a cautela para expor o tema anteriormente a fim de contextualizar o leitor dessa pesquisa para um melhor entendimento da mesma.

Essa análise é necessária a partir do método escolhido para esse trabalho pois assim como afirma Meihy (2010, p.38)

“(…) Em geral, a História oral temática é usada como metodologia ou técnica e dado o foco temático precisado no projeto, torna-se um meio de busca de esclarecimentos de situações conflitantes, polemicas, contraditórias. A exteriorização do tema, sempre dado *a priori*, organiza a entrevista que deve se render ao alvo proposto.”

Nesse trecho Meihy esclarece a importância de se apresentar o tema, antes do desenvolvimento do trabalho. Esse detalhe se faz importante para ressaltarmos a relevância de uma análise sobre o tema em um primeiro momento.

Para isso, a questão da memória, será abordada para que possamos entender a relação desse conceito, tanto como conceito norteador, quanto como algo em constante não como algo estático, morto.

Essa questão pode trazer aspectos interessantes a serem analisados desde que possamos compreender a memória como algo mutável, assim como temos em Meihy:

“(…) Sendo a memória sempre dinâmica, e que muda e evolui de época para época, é prudente que seu uso seja relativizado, posto que o objeto de análise, no caso, não é a narrativa objetivamente falando nem sua relação contextual, e, sim, a interpretação do que ficou (ou não) registrado nas cabeças das pessoas e foi passado para a escrita.” (2010, p.58)

Nesse trabalho, analisaremos então quais os marcos que ficaram na memória dos moradores que nos darão testemunho e como esses marcos influenciaram na preservação de determinadas transições. Além de refletir sobre o que causa esses realces da memória sobre o esquecimento. Como a influência de determinados grupos na preservação dessas memórias, e quais seriam os grupos que de certa forma contribuiriam para tal preservação.

Nesse sentido podemos encontrar suporte no que diz Maurice Halbwachs quando constata que:

“(…) Mas nossas lembranças permanecem coletivas e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque na realidade, nunca estamos sós.” (1968, p.26)

Assim sendo devemos analisar os conjuntos, as sociabilidades dos envolvidos nesse projeto, a fim de compreendermos os principais elementos que preservaram memórias sobre o fenômeno escolhido para estudo. Podemos até definir como as redes das quais nossas fontes estarão envolvidas. Buscaremos assim elucidar e trazer a tona para reflexão, o papel do indivíduo para a sociedade e enxergá-lo como membro da

mesma, como uma peça do tabuleiro da História, onde todas as peças têm os mesmos valores.

No primeiro capítulo deste trabalho abordamos alguns aspectos relevantes sobre a memória e como ela contribui para a formação social do homem, tendo em vista, o seu papel como um fator comum na formação de identidades. Analisaremos como determinadas pessoas tendo vivido o mesmo processo, destacam elementos diferentes, ou seja, como a subjetividade surge até mesmo na representação do que foi vivido por várias pessoas.

Mas antes de uma discussão sobre a importância da memória para compreensão da História, abordaremos os principais dados sobre o município, a fim de contextualizar o leitor. Sobre a cidade, buscamos apresentar informações acerca sua localização, economia, relação com os municípios vizinhos, população, entre outros dados.

Ainda no primeiro capítulo iniciaremos análise do Livro “História da minha vida” de Lourdes Soares Farias, professora e pedagoga nascida e criada na cidade, que objetivou preservar suas lembranças sobre sua infância, juventude, enfim sobre toda sua vida. Nessa obra temos a cidade de Faxinal como pano de fundo.

No segundo capítulo faremos uma discussão sobre a oralidade, e como se trabalhar essa categoria na História, onde observamos por meio da História Oral, artifícios muito importantes na área historiográfica. Além de uma discussão sobre os principais desafios da História Oral, analisaremos como essa metodologia se apresenta como rica para o historiador.

O terceiro capítulo analisa as fontes obtidas pela metodologia de História Oral, fazendo um paralelo com a questão da fronteira, de como a relação entre os moradores é afetada por aspectos econômicos, sociais, culturais, muitas vezes vindo de outros locais, outras vezes, partindo de dentro da sociedade.

O que o presente trabalho objetiva nesses três capítulos, é estabelecer elementos que possam nos ajudar a compreender como se deu o processo de urbanização da cidade de Faxinal tendo como base a perspectiva dos próprios moradores.

CAPITULO I: Sobre a cidade Faxinal - PR e a importância da memória na construção do sujeito como ser social.

Situada no centro norte do estado do Paraná, a cidade de Faxinal - PR faz parte do chamado “Vale do Ivaí” região formada por 25 municípios que têm em comum um rico potencial na área do turismo, além de ser uma região muito ativa na área do agronegócio. Faxinal – PR está localizada a aproximadamente 330 quilômetros da capital do estado, Curitiba - PR. Sobre a localização da cidade de Faxinal - PR em relação ao estado do Paraná podemos ver no mapa (figura 01):



Figura 01- Mapa do Estado do Paraná em destaque a cidade de Faxinal - PR .

Fonte - Image:Parana MesoMicroMunicip.svg, own work, CC BY 2.5,

<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1361829>

Observando o mapa acima podemos observar o município de Faxinal - PR em vermelho e sua posição geográfica no Estado, estando a 330 quilômetros da capital, tem na rodovia PR- 272 sua principal via de ligação com os municípios vizinhos.

Possuindo uma área de cerca de 715,943 km² representando 0,3592 % do estado, 0,127 % da região e 0,0084 % de todo o território brasileiro, Faxinal - PR faz limite com os seguintes municípios: Rio Bom, Marilândia do Sul, Mauá da Serra, Ortigueira,

Grandes Rios, Cruzmaltina e Borrazópolis assim como vemos no seguinte mapa (figura 02):

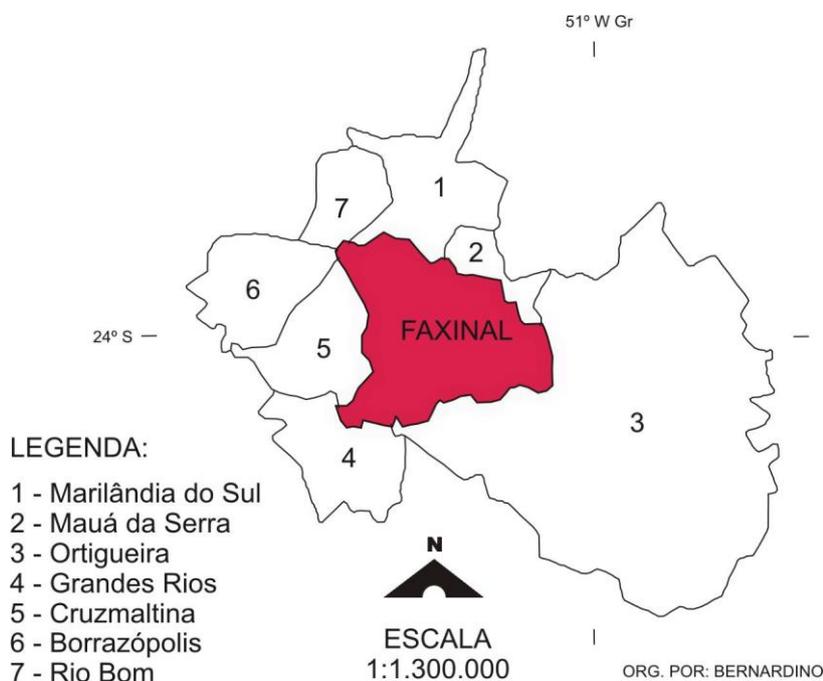


Figura 02 – Mapa do Município (limites)

Fonte: Bernardino, 2007

O tema do presente trabalho é processo de urbanização da cidade que conta atualmente com 17160 habitantes segundo dado do site do IBGE ². Município de pequeno porte tem em seus habitantes sua História e é a partir dos mesmos que buscaremos tecer um registro das principais mudanças da cidade, e analisar como a ação do homem pode mudar a área.

Os municípios vizinhos atualmente contribuem para determinada interação entre si, seja por meio de festas, transações econômicas, entre outros motivos, constituem uma região de grande contato entre as cidades.

Sobre o nome do município, temos de acordo a prefeitura que Faxinal³:

²

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=410760&search=parana|faxinal|infograficos:-informacoes-completas>

³ <http://faxinal.pr.gov.br/index.php?sessao=ce420ff221kcce&id=62>

O nome "**Faxinal**" significa "**campos abertos de matos curtos**" Faxinal Palavra formada pelo termo "faxina", acrescido do sufixo nominativo "al". O termo "faxina" vem do italiano "fascina", designando região de campo, entremeada de arvoredo e trecho alongado de campo que penetra na floresta ou ainda campo de pastagem cortado por arvoredo esguio (mato ralo constituído de pinhal, taquaral, erval etc.). O sufixo "al" origina-se do latim "ale", significando coleção ou quantidade. (ABHF, AGC, FT).

Embora o termo "faxinal" remeta a ideia de campos abertos, Faxinal - PR não tem nessa a sua principal característica, tendo em vista que tem um relevo acidentado, o que nos faz questionar sobre a origem do nome. Tendo esse relevo acidentado, possui áreas em que as matas não são matas curtas, devido à dificuldade da ação do homem moldar essas áreas.

Sendo assim, fica o questionamento sobre o porquê do nome, muitos moradores desconhecem, tendo em mente apenas o fato do termo significar "campos abertos de matos curtos". Contudo temos outro significado para a palavra "Faxinal" que remete a um sistema de produção agrossilvopastoril como destaca Cicilian Luiza Löwen Sahr e Luiz Alexandre Gonçalves Cunha (2005, p.94):

"(...) Os termos *Faxinal* e *Sistema Faxinal* são utilizados, na maioria das vezes, como sinônimo. Alguns autores definem o *Sistema Faxinal* como a forma de organização camponesa com criação extensiva de animais em áreas comuns; extração florestal dentro do criadouro comum e policultura alimentar de subsistência (CHANG, 1988a). Outros apontam o *Faxinal* como um sistema agrossilvopastoril secular com características singulares de uso da terra (DOMINGUES, 1999)."

O que percebemos é que a palavra "faxinal" além do nome da cidade possui outros dois sentidos, um representando um espaço, a questão dos matos curtos e o outro um sistema de organização camponesa. Porém o sentido dos "matos abertos e matos curtos" causa estranheza sendo o município uma área de relevo acidentado.

Podemos perceber como a questão do campo e suas belezas naturais é algo intrínseco na região, nesse sentido podemos ressaltar as belas cachoeiras que fazem com que o meio turístico possa ser explorado, ou que o mesmo venha ser melhor aproveitado em um futuro próximo.

Tem como principal elemento econômico, a agricultura e em segundo plano a pecuária, além do comércio varejista. Considerada a “capital do tomate” do Vale do Ivaí, o forte da agricultura é o plantio do tomate.

O tomate possui importância para a economia da cidade, a ponto de ter sido criada a “festa do tomate” uma festa anual que a prefeitura do município organiza, a fim de aquecer a economia da cidade e divulgá-la como produtora dessa fruta. Podemos observar alguns aspectos sobre a festa na divulgação feita pela própria prefeitura:

Figura 3 – Divulgação VII Festa do Tomate de Faxinal - PR.

Fonte: Prefeitura Municipal de Faxinal – PR. Ano: 2015.

O anúncio data de 2015 ano em que o município completou 64 anos de emancipação política, sendo a sétima edição; a “festa do tomate” surgiu quando essa plantação começou a se expandir.

Faxinal tem muitas cachoeiras o que a faz ter vários pontos de beleza natural, um rico recurso na construção de laços dos seus moradores para com a cidade e entre os mesmos. E são as relações dos moradores com a cidade que abordaremos no presente

trabalho, de certa forma, analisaremos como os residentes faxinalenses que mantêm com a cidade esse laço, perceberam as mudanças ocorridas nas últimas décadas.

A agricultura principalmente o cultivo de café no século XX fez com que a vegetação nativa fosse quase totalmente devastada, sobre uma vegetação original tem se apenas em regiões de mata ciliar e outras raras exceções. Como aspecto que é muito ressaltado e importante, a uberdade do solo é alta, sendo esse um dos elementos que mais chamaram a atenção e manteve o povoamento da cidade.

Sobre a importância do café no século XX temos:

“(…) No início do século XX, as terras roxas do Paraná já eram conhecidas por sua alta rentabilidade na produção cafeeira. A disponibilidade dessas terras, os incentivos públicos e a possibilidade de pagamento em condições facilitadas proporcionaram que muitos colonos e lavradores comessem a comprar terras no Norte do Paraná, instalando nessa área a produção cafeeira segundo o modelo paulista.” (PRIORI, A. 2012, p.94)

A presença do cultivo de café no norte paranaense data desde o início do Século XX, e na região “Cento norte” do estado do Paraná, mais especificamente do município de Faxinal - PR as terras e sua fertilidade chamou a atenção dos primeiros moradores. Sendo esse fator muito importante na estabilização dos primeiros habitantes.

Tendo o ano de 1951 como o de sua emancipação política, Faxinal apresentou-se como um município que como vários que surgiram na segunda metade do século XX e caracterizou-se pela a rápida expansão, elevado e ligeiro crescimento.

“(…) Diante desse quadro, já se pode falar de uma sociedade virtualmente urbana no Brasil. A urbanização brasileira intensificou-se na segunda metade do século XX, quando o capitalismo industrial ganhou momento no País e dinamizou a economia a partir da consolidação das grandes cidades industriais.” (MONTE MÓR, 2006, p.15)

Contudo no decorrer do presente trabalho será analisado em quais aspectos essas mudanças foram aceleradas e em quais não foram tão rápidas assim.

Entretanto, todas as transições deixam marcas, memórias, e são a partir dessas memórias que analisaremos o processo de urbanização da cidade de Faxinal, e como a

pequena cidade emancipada em 1951 se apresenta atualmente beirando seus 65 anos de emancipação política.

O conceito de memória é algo de extrema importância na área da História no sentido de ser um elemento construído pelos homens a fim de proporcionar um sentimento de preservação de identidades. Iremos nesse trabalho, analisar sobre o conceito de memória e como o mesmo se articula tanto no cotidiano dos seres humanos, quanto na historiografia.⁴

Iremos perceber como a questão da memória está intrínseca tanto nas relações sociais – mais especificamente dos moradores da cidade de Faxinal - PR – quanto na representação elaborado pelas pessoas, como uma espécie de alicerce para uma orientação no tempo e significação entre o ser e o seu local.

Um aspecto em comum entre os autores apresentados até o presente momento, é que ambos fazem a distinção entre a memória individual e a memória coletiva que é a categoria em que focaremos nossa perspectiva no trabalho.

No decorrer da História, a relação entre a sociedade e a sua memória mudou, aliás, a memória como vários outros conceitos são mutáveis e sua compreensão muda de acordo com a sua localização no espaço e no tempo. Além da relação de uma sociedade e sua memória, mudam se também como ela desempenha determinado papel nos indivíduos e na comunidade.

Afinal o que significa ter memória? Qual é a relação entre o que realmente vale a pena reter seja em forma de informação, dado, ou lembrança, para com o que faz não ter relevância. É aí que se encontra uma constatação importante: “A memória assim como tantas coisas, é uma construção social.” (BOSI, 1994) Ou seja, embora exista a perspectiva de uma memória individual, existe também a memória enquanto um elemento coletivo e construído socialmente.

⁴ LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva e Memória Individual. In: HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

Nesse sentido a memória acaba por desenvolver um papel de integração, em que os indivíduos que carregam consigo uma mesma lembrança se reconhecem como integrantes de determinado fato, acontecimento, ou processo histórico. Assim sendo, podemos destacar o que nos traz Bosi (1994 p.66-67) quando argumenta que:

“(...) Um dos aspectos mais instigantes do tema é o da construção social da memória. Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso”, “universos de significado” que dão ao material de base uma forma histórica própria, *versão* consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo se constrói e procura fixar a sua imagem para a História.”

A autora ressalta a memória como sendo algo que é construído socialmente, dando como exemplo a questão do trabalho como um elemento que contribui para a construção de uma mesma explicação de uma História – Bosi chama de Versão –. Contudo podemos substituir a questão do trabalho trazendo como um sinônimo o termo “vivência” ou “experiência de vida”.

Essa questão fica ainda mais clara quando buscamos narrar determinado acontecimento em que vários indivíduos participaram ambos terão seu lado único, sua subjetividade na perspectiva, contudo, haverá aspectos que permanecerão presentes em todas narrativas, em todos os relatos será encontrado elementos que caracteriza os membros como pertencentes de um grupo.

Discutimos até aqui a importância da memória na construção do sujeito como ser social, buscaremos também postular aspectos importantes acerca da memória no decorrer da vida de todos e como as lembranças podem ter diferentes funções adequando-se as necessidades de quem as procura na mente.

Uma criança, por exemplo, que após tomar uma pequena descarga elétrica por ter colocado o dedo em uma tomada, terá sempre em mente que as tomadas podem dar choque, essa leve memória traumática⁵ fará com que a mesma não tome outro choque, ou pelo menos que ela pense e se lembre da experiência e não a repita.

⁵ Sobre essa temática ver Michel Pollak in: POLLAK, Michel. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, 1989.

Um adolescente que perde um amigo em um acidente por ter bebido alguma bebida alcoólica e após isso ter assumido a direção de um veículo, levará sempre consigo a lembrança do perigo de se associar o consumo de bebida à condução de veículo. Esse embora seja outro exemplo de uma memória traumática, tem como função exemplificar as distintas funções da memória em fases diferentes da vida.

Os exemplos dados tem apenas a função de reforçar o argumento que a memória tem uma função prática no tempo presente, assim como formula Bosi (1994 p.76). (...) *A idade adulta é norteada pela ação presente: e quando se volta para o passado é para buscar nele o que se relaciona com suas preocupações atuais.* Ou seja, as lembranças desenvolvem as funções necessárias no tempo presente embora as memórias se refiram a tempos passados, só tem relevância na conjuntura atual do indivíduo que a necessita.

Para os idosos a memória pode desenvolver a função de integração social, no sentido que colabora para que o indivíduo se pense e se compreenda como novamente um componente da comunidade, tendo em vista o sentimento de inutilidade que se abate em muitos velhos após a sua saída do mercado de trabalho que nos faz pensar que isso seja o sentido da vida, destacamos essa ideia na obra de Bosi (1994 p. 82):

“(...) Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida.”

Podemos compreender a partir dessas constatações que a memória estabelece relações, tanto pessoais quanto aquelas entre o homem e seu espaço de moradia, e nesse sentido a memória acaba desempenhando a importante função de ligação entre o passado e o presente dos homens, podendo estabelecer fomentos para uma distinção entre os tempos históricos.

Nesse sentido, todos os seres humanos em suas atribulações atuais buscam nas suas lembranças uma maneira de resolver um problema ou manter de alguma maneira, a tradição de determinado local, grupo ou comunidade. Destacamos a partir daqui a importância dos mais velhos nessa função, a função de passar as gerações mais novas os elementos primordiais no grupo o qual pertence. Sobre a função dos mais velhos na sociedade, formula Bosi (2001 p. 82) que: (...) *Ele, nas tribos antigas, tem um lugar de honra como guardião do tesouro espiritual da comunidade, a tradição.*

Sabendo desse papel muitos idosos buscam tanto por meio de conselhos, quanto por vários meios transmitir aos mais novos como o mesmo viveu, presenciou e interpretou a passagem do tempo. Nesse momento é que cada indivíduo estabelece sua relação com a memória, uns gostam de contar histórias, outros gostam de lembrar, outros preferem criar expectativas a respeito do futuro.

O presente trabalho aborda as memórias de uma senhora a partir do livro que a mesma escreveu intitulado “História da minha vida”⁶ o livro conta como aconteceram algumas mudanças na cidade de Faxinal - PR a partir do olhar da moradora. Sobre seu objetivo podemos detectar muito da autora seu livro:

“(…) Quando idealizei escrever minha História, pensei nas gerações futuras. A intenção é deixar registrada a História de minha família, para que os que virem depois de nós possam saber e imaginar de onde vieram, quem eram e como viviam “os antigos”: avós, bisavós e tataravós.

Neste livro conto as histórias de minha família, histórias corriqueiras do nosso dia a dia, de aventuras e também de tragédias, além de histórias lindas de amor, graças recebidas, amizades, sucesso, entre outras. (FARIAS. 2010, p.6)

O que podemos destacar é a questão do objetivo do livro para a autora, que tem na obra a finalidade de “deixar registrada a história de minha família”, buscando situar as novas gerações sobre a trajetória de seus antecedentes.

Nesse sentido sobre o que a autora deixa registrado, não podemos ignorar que nós só guardamos o que temos interesse em reproduzir, sendo assim Walter Benjamin destaca:

“(…) Não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades.” (BENJAMIN, Walter. 1994. P.210)

O que compreendemos, é que cada narração ou versão contada a respeito de alguma trajetória, destaca somente o que tem interesse em guardar e passar para as próximas gerações e aos seus.

⁶ FARIAS, Lourdes Soares. História da minha vida. Faxinal. PR. 2010.

Sobre a despreensão do trabalho de Lourdes Farias, a própria autora revela como fora o início dessa atividade:

“(...) Quando comecei a escrever, pensei que escreveria no máximo umas dez páginas, mas quão grande foi minha surpresa, já na primeira vez que me sentei em frente ao computador, escrevi 17 páginas, as quais resultaram neste livro que vocês estão lendo.

O começo desse projeto foi marcado por um longo período de pesquisas, conversas e até viagens para saber mais sobre alguns parentes, como avós, tios, primos, mas que valeram a pena!”

O livro fora escrito em 2010 e nele buscou-se escrever suas memórias para imortalizar determinados acontecimentos que segundo a perspectiva da mesma, foram importantes. Buscaremos analisar a partir do olhar da autora em questão, que é a professora e pedagoga e que podemos extrair do seu livro alguns dados:

“Biografia

Lourdes Soares Farias

Formada Em Pedagogia Com Habilitação Em Administração, Disciplinas Específicas Do Magistério E Supervisão Escolar.

Pós-graduada em supervisão escolar.

Professora aposentada de um padrão – 20 horas.

Professora/Pedagoga efetiva do Estado do Paraná, atuando atualmente no Colégio Estadual Professora Maria Muziol Jaroskievicz – Ensino fundamental e Médio, no município de Faxinal – PR.

Participou no ano de 2009 e 2010 do programa de Desenvolvimento Educacional - PDE – do governo do Estado do Paraná.

Compositora de diversas músicas.”

O trecho destacado era para ser mais biográfico, contudo podemos destacar o caráter de uma espécie de currículo onde ao invés da autora se identificar, dizendo quem ela é, a mesma diz o que faz/fez. Nesse sentido percebemos como a questão da formação intelectual é importante para a autora e a “posse da informação” é um elemento destacável.

Esse trecho se encontra ao final do livro que aqui é objeto de análise, onde por meio das memórias da autora, buscaremos ressaltar os elementos que podem nos ajudar a compreender como o processo de urbanização da cidade influenciou na vida dos seus

moradores e como os próprios moradores estiveram ativos nesse processo como um todo.

No livro analisado, observamos que a estrutura parte de um objetivo, no caso, o de imortalizar as lembranças da autora, e para isso, estabelece ligações, aspecto que percebemos no texto de Bourdieu:

“(…)Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tomar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário.” (2004, p.184)

Nas 94 páginas que compõem o livro a autora, conta sua História por meio de memórias das diversas fases da vida, quando era criança e como fora sua infância, sua relação familiar entre outros aspectos, onde de pano de fundo, podemos perceber a cidade e seu papel na vida da autora.

Por meio de uma memória individual buscaremos estabelecer os aspectos que se entrelaçam com outras lembranças formando a memória coletiva, essa questão pode ser entendida de acordo com para Halbwachs (2004), cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Ou seja, cada memória individual é um componente da memória coletiva como um todo.

Embora para a História a memória individual não se sustente, pois o indivíduo quando morre as leva com ele, devemos compreendê-la como uma parte de um todo, como constituinte da memória coletiva que essa sim, pode nos revelar muito, proporcionando uma fonte de estudo para a construção do conhecimento histórico.

No livro “*História da minha vida*” Lourdes Farias apresentando suas memórias nos permite perceber como enquanto a autora vai se tornando adulta e envelhecendo, a cidade vai tomando forma, crescendo, podemos assim fazer um paralelo entre as duas histórias. A da professora que escreveu suas memórias e da cidade que sofreu mudanças durante o tempo.

Sobre esse paralelo podemos destacar um trecho livro *História da minha vida* (2010 p.27):

“(...) Eu nasci no dia 4 de dezembro de 1950, na cidade de Faxinal, na beira do Rio São Pedro. Não tenho lembranças ruins da minha infância, tive o privilégio de ser a caçula e, por isso, todos cuidavam de mim.”

Como podemos perceber Lourdes Farias nasceu muito próximo cronologicamente com a emancipação política da cidade quem tem como principais aspectos da sua História oficial as seguintes datas: Sendo “terras despovoadas” os primeiros desbravadores se fixaram no local por volta de 1920. Criação do Distrito Policial de Faxinal de São Sebastião pelo Decreto Estadual nº 85, de 27 de janeiro de 1926. E do Distrito Judiciário em virtude do Decreto Estadual nº 1435, de 25 de junho de 1931. Em 1951, foi criado o Município de Faxinal.

Ou seja, Lourdes Farias nasceu em 04 de dezembro de 1950 e em 14 de dezembro de 1951, Faxinal - PR ganha sua emancipação política tornando-se município. Dessa forma a mesma pôde vivenciar ao longo dos seus 65 anos, as principais mudanças em aspectos sociais, geográficos, populacionais e culturais da cidade.

O livro conta com 19 tópicos os quais a autora parte do seu núcleo familiar para elaborar um caminho para registro de suas memórias, partindo da família de seu pai, seus irmãos e irmãs, a de sua mãe, irmãos e irmãs, avós, irmãos e suas histórias da infância. Em seguida, a fase de namoro, casamento, filhos. Enfim Lourdes Farias tentou traçar uma ordem cronológica e em cada parte, imortalizar suas memórias.

Para a análise das memórias, a obra de Ecléa Bosi se fez muito útil, com um aparato teórico fundamentado, ainda mais quando em relação a memória Bosi destaca o pensamento de Halbwachs:

“(...) Por essa via, Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade.” (1994 p.55)

O que podemos compreender com esse trecho é que Halbwachs compreende cada memória individual como parte constituinte da memória coletiva. Sendo assim,

buscaremos destacar nesse capítulo as memórias de Lourdes Farias para estabelecer parâmetros de uma História dos moradores de Faxinal.

O objetivo de compreender a História da cidade de Faxinal a partir do olhar dos moradores que a fizeram, se faz importante quando pensamos que são esses moradores que de alguma forma ajudaram na formação da cidade e nas principais mudanças, segundo esse pressuposto o livro analisado se apresenta como uma fonte rica, pois se encaixa nessa proposta na medida em que temos no livro *História de minha vida*:

“(…) A família de minha mãe veio para Faxinal no final dos anos 30. Conheci e convivi com todos os tios da parte de minha mãe, pois todos moravam em Faxinal - PR.”. (2010 p.13)

O documento proposto para análise aqui, parte do princípio de ser uma autobiografia em que Lourdes Farias faz um esforço para nos trazer elementos da sua vida, escrita em primeira pessoa, a autora traça uma linha do tempo de sua vida, identificando os personagens, revelando histórias em que podemos capturar aspectos da vida, tanto da vida, como da cidade, o qual é o foco do presente trabalho.

Sobre uma das principais dificuldades de uma obra desse caráter, destaca SOUZA:

“(…) Do ponto de vista metodológico, a abordagem biográfico-narrativa assume a complexidade e a dificuldade em atribuir primazia ao sujeito ou à cultura no processo de construção de sentido. Ao longo de seu percurso pessoal, consciente de suas idiossincrasias, o indivíduo constrói sua identidade pessoal mobilizando referentes que estão no coletivo.” (2007 p.65)

Percebemos a construção de uma autobiografia como uma produção que inevitavelmente recorre a elementos que estão no coletivo, e isso se apresenta como um aspecto para a produção historiográfica, sendo - parafraseando Marc Bloch (2001 p. 54) a “carne humana”.

CAPITULO II: História Oral: Uma possibilidade de registro da História.

O ouvir e registrar de narrativas torna-se documento de importante relevância para o trabalho do historiador no momento em que permite o surgimento de uma nova perspectiva sobre determinado processo histórico/acontecimento ou recorte de estudo.

Podemos ressaltar que podemos assumir a os produtos de História Oral como um meio que fornece a verificação de elementos não revelados em documentos, uma categoria muito mais subjetiva que outras, nesse sentido as entrevistas de História oral a metodologia que mais tem contato com o aspecto subjetivo dos envolvidos.

A metodologia da História Oral proporciona o surgimento e análise de aspectos que outras formas de análise não poderiam propor. Numa entrevista de História oral pode se extrair informações, sobre perspectivas que um documento em si não poderia passar como no presente trabalho em que teremos três perspectivas acerca de um mesmo processo, no caso, o processo de urbanização da cidade de Faxinal.

Um aspecto a destacar na constituição dessa metodologia é a dualidade entre a individualidade presente em cada discurso analisado e na coletividade entre os elementos que unem os diferentes, como ressalta Meihy:

“O que se chama de “grupal”, “cultural”, “social” ou “coletivo” em História oral é o resultado de experiências que vinculam umas pessoas às outras, segundo pressupostos articuladores de construção de identidades decorrentes de suas memórias expressadas em termos comunitários” (2010 p.27)

Nesse trecho o autor aponta que na História Oral o que retemos como social, coletivo, são as experiências que unem os diferentes discursos analisados em torno de uma mesma questão, de um recorte que o historiador faz que possa ser um processo\acontecimento.

A magnitude da História Oral como método para análise historiográfica se da por produzir conhecimentos, históricos, científicos e acima de tudo humanos, o historiador que se aventura a aderir essa metodologia se predispõe a analisar um processo por meio de que o viveu, portanto mesmo que o recorte escolhido esteja há uns 20 anos, trabalha se com a memória de um individuo, e a narrativa se encontra no presente. Podemos perceber que quem trabalha com História Oral trabalha sempre com a história do tempo presente.

A História Oral se relaciona com outros métodos de análise de fontes historiográficas por seguir um “caminho metodológico” como percebemos nas palavras de Aceves Lozano:

“(…) A História oral compartilha com o método histórico tradicional as diversas fases e etapas do exame histórico. De início, apresenta uma problemática, inserindo-a em um projeto de pesquisa. Depois, desenvolve os procedimentos heurísticos apropriados à constituição das fontes orais que se propôs produzir. Na hora de realizar essa tarefa, procede, com o maior rigor possível, ao controle e às críticas interna e externa da fonte constituída, assim como das fontes complementares e documentais. Finalmente, passa à análise e à interpretação das evidências e ao exame detalhado da fonte recompiladas ou acessíveis.” (1994, p.16)

De acordo com esse pensamento, podemos perceber o quão árduo pode ser o trabalho com História Oral, por possuir diversas fases e como cada fase a análise revela algo que não havia sido percebido, deve se compreender o historiador oral muito além de um gravador, pois essa metodologia está pautada em interpretações singulares de um processo coletivo.

A História Oral tem um caráter muito peculiar em relação às outras metodologias por ter uma espécie de metamorfose, a sua transformação da oralidade para a escrita muda o lugar da narrativa, *A oralidade quando vertida para o escrito congela a realidade mudando a dinâmica original* (MEIHY, 2010, p.26) afinal o documento é o texto escrito, transcrito – seja qual for o modelo escolhido- o que faz com que a análise do texto, como documento deva considerar as condições de produção desse documento.

Contudo, sendo um meio de análise de processos coletivos, em História Oral não se trabalha com grandes números de entrevistas, esse fato se dá a dificuldade no trabalho para a execução de todo o processo, sendo assim destacamos o aspecto qualitativo dela.

Para a realização deste trabalho tivemos como *corpus documental* a entrevista de três moradoras da cidade de Faxinal, todas que vivem há muitos anos na cidade e presenciaram as principais mudanças que a cidade sofreu nos últimos anos.

A primeira colaboradora nesse projeto foi Lourdes Farias, a “Dona Lourdes” professora e pedagoga da rede estadual do Paraná, sobre a nossa primeira colaboradora a seguir algumas informações:

Nome: Lourdes Soares Farias.

Idade: 65 anos

Profissão: Professora/Pedagoga

Endereço: Rua Maria Quitéria, 55 jardim São Pedro. Faxinal – PR.

A colaboradora em questão mora na cidade de Faxinal desde que nasceu e tem pela cidade um grande apreço, sua relação com a mesma vai além da questão de apenas conhecer, mas da cidade ter sido e ainda ser o cenário para a vida e cotidiano da mesma.

Sobre as condições para a realização da entrevista, a mesma ocorreu na manhã do dia 25/05/16 nas dependências do Colégio Estadual Érico Veríssimo onde trabalha, sendo coordenadora do curso de formação de docentes. A escolha do local partiu da colaboradora por ser mais prático além de que pôde proporcionar uma sensação de conforto a mesma, por se sentir em um ambiente conhecido.

Outro aspecto importante nessa escolha é que possa ter sido um local onde a colaboradora se sente bem, devido ao fato de exercer uma função de responsabilidade, ou seja, poderia se tratar de um local que evidenciasse uma legitimação de discurso.

Sobre o produto desse projeto temos a seguir as transcrições das entrevistas, e com elas suas percepções de como se deram as mudanças na cidade de Faxinal.

Faxinal, minha cidade!

Nascida e criada em Faxinal – PR eu morava com meus pais na Rua dos Antigos depois eu casei e fui morar na Rua Santos Dumont, acho que morei uns dois anos, no máximo uns dois anos e meio aí eu mudei para o Jardim São Pedro. Essa última residência eu acho que nós entramos lá em 1976, a gente já construiu de novo e tal, mas na mesma rua, no mesmo espaço, no mesmo local há 40 anos e gosto dali viu? Gosto muito de morar no meu bairro, na verdade esse foi um dos primeiros bairros que o prefeito da época construiu é o bairro conhecido como o “populares velhas” e o nome do núcleo é João Alberto Fontes. (Entrevista 01: Lourdes Farias)

Primeiro elemento destacável no trecho da entrevista é que a moradora expõe claramente que nasceu na cidade, e quando usa o termo “criada” objetiva deixar evidente que passou toda infância e juventude na cidade. O outro aspecto, é que morava

com os pais na denominada “Rua dos Antigos” rua que atualmente ou não existe, ou tem outra denominação atualmente, sobre esse dado, não foram encontradas informações.

O trabalho busca analisar as mudanças na cidade, contudo, também podemos observar as continuidades: seja por escolha da colaboradora, seja outros fatores, como econômicos, afetivos, a mesma não mudou de residência nos últimos quarenta anos, embora mudanças tenham sido feitas, ou na estrutura da casa, ou em sua disposição no terreno, contudo, seu local de morada, ainda é o mesmo.

Como eu havia casado recentemente com meu marido a gente conseguiu uma casa popular, era um bairro de casas populares e então a rua era uma rua de terra, não tinha o asfalto depois na gestão do prefeito Juarez ele fez o asfalto, só existia o núcleo ali, não existia muitas casa além, como tem hoje o bairro bem evoluído. Nós temos igreja, praça, então melhorou muito, desses 40 anos teve muitos avanços, foi construído um colégio que fica bem em frente a minha casa, a escola professora Maria Muziol Jaroskievicz, então, houve uma evolução não tanto quanto a gente queria, mas foi lento, foi gradual até porque a cidade também é pequena e a gente percebe que não tem muito investimento do setor publico na questão da urbanização eu só penso que a gente poderia ter mais coisas. (Entrevista 01: Lourdes Farias)

A entrevista se mostra como um documento capaz de fornecer muitos dados, como a existência, já na década de 1970 de programas assistenciais, pois Lourdes Farias obteve uma casa fica o questionamento sobre a gestão do programa, seria um programa federal, estadual ou municipal. A metodologia de História Oral se torna rica, na capacidade de fornecer muitos detalhes que ficam nas entrelinhas, como pudemos perceber na informação sobre a casa e a existência de programas assistências na década de 1970 em Faxinal.

Eu nasci na beira do Rio São Pedro, quando eu nasci meus pais mudaram para a rua dos antigos, naquele tempo, só tinha a rua principal e umas ruazinhas e em muitos lugares era “carreiro”, por exemplo: para chegar à minha casa não tinha rua era “carreiro” e muitos anos depois quando eu era moça que abriram a rua do lado da minha casa. Eu morava numa casa bem modesta, era coberta de tabuazinha e a minha mãe tirava água do poço, minha mãe era lavadeira meu pai era boiadeiro então era assim, num lugar bem humilde bem simples. (Entrevista 01: Lourdes Farias)

Além da falta de saneamento básico, como água encanada podemos observar nesse trecho, a ausência de pavimento, até rua em um sentido rústico mesmo. Contudo nesse trecho podemos encontrar elementos que evidenciem uma mudança, quando a colaboradora destaca que depois de um tempo, abriram uma rua.

A questão da origem humilde é apresentada nesse trecho também, Lourdes Farias expõe sobre a profissão dos pais, além da estrutura da casa, que revela muito sobre a classe social da mesma.

A minha infância foi junto com a minha mãe, minha mãe era evangélica e eu a acompanhava nos cultos, às vezes íamos a um batismo, a gente ia de caminhão. Depois na juventude o que tinha de lazer era o cinema da cidade, havia um cinema e tinha o clube, “40 Country Clube” “Clube dos 40” como era chamado na época, e daí tinha os matine a tarde e eu gostava de ir, porque até antes de eu começar a namorar o Jhacer eu ia à igreja evangélica, meu lazer era só ir à igreja, depois que eu comecei a namorar ele que se abriu o leque um pouco e eu comecei a frequentar outros tipos de lazer.

Naquele tempo não tinha televisão aqui em Faxinal, tanto é que na copa do mundo de futebol de 1970 a gente foi assistir na casa do seu Onofre Olenick na final ainda, a gente se reuniu e foi lá porque as casas não tinham televisão, era só rádio. E uma das coisas que eu ouvia muito era a rádio, então era uma coisa de lazer também. (Entrevista 01: Lourdes Farias)

No trecho acima temos a questão da juventude, onde podemos observar aspectos como os meios de lazer da juventude da cidade de Faxinal na década de 1970, e mais especificamente, como cada sociedade se diverte em seu tempo de mocidade. O que se teve em Faxinal de 1970 como um elemento muito importante foi o cinema, além do destacado pela colaboradora o “40° Country Clube”.

Um aspecto um tanto incomum foi a classificação do ato de ir à igreja, como um componente do lazer, enquanto esse deveria ser um elemento apontado na questão de religiosidade da moradora.

A ausência de aparelhos televisores na cidade, fora algo destacado, fato dado talvez pelo alto preço do aparelho no período, ou por questões tecnológicas referentes ao sinal, contudo, considerando o período a provavelmente o que tivemos foram a junção desses dois fatores.

Eu comecei a estudar numa escolinha isolada, na época que eu era o primeiro ano a minha professora era a dona Maria Muziol Jaroskievicz que nós homenageamos com o nome da escola que construímos quando eu fui secretaria municipal de educação.

O Colégio Estadual Érico Veríssimo ele foi, Ouvidor Pires Pardinho era naquele tempo o primário, o chamado primário, 1º, 2º, 3º, 4º ano depois de uns anos, foi criado o ginásio, o ginásio também era assim 1º, 2º, 3º, 4º ano do ginásio. Aí passou a ser “Paulo Pimentel”, o ginásio ficou com ele e o primário ficou com o “Pardinho” e depois que veio o ensino médio, daí que passou a ser Erico Veríssimo, colégio Estadual Erico Veríssimo. (Entrevista 01: Lourdes Farias)

Por se tratar de uma professora, a sua formação ou pelo menos algumas partes dela não poderiam ficar de fora, no trecho acima Lourdes Farias destaca onde fora iniciado seus estudos. O que podemos analisar é a questão da mesma apresentar que foi durante um período secretaria municipal de educação e nesse tempo, construiu-se a escola que leva o nome da sua primeira professora.

O outro tópico apresentado no trecho, trata sobre o Colégio Estadual Érico Veríssimo, e sua história obtivemos dados interessantes para uma pesquisa destinada a História das Instituições de Ensino na cidade da Faxinal.

A seguir, os aspectos mais relevantes acerca das mudanças e marcos da cidade:

Eu acho que um dos marcos da cidade de Faxinal foram os colégios, as escolas, tanto o colégio Erico Veríssimo quanto o colégio Cenequista e o colégio São domingos porque não existia escola secundária aqui em Faxinal - PR. Além da construção da igreja matriz porque ali não existia nada. A igreja matriz foi assim, um marco, depois claro, teve o hospital municipal e uma coisa que marcou assim foi pavimentação da Rua Santos Dumont em paralelepípedo a Rua Santos Dumont era bem evoluída tinha umas vendas, umas lojas, a prefeitura ficava na esquina, só que era uma prefeitura de madeira.

Claro a parte estrutural teve, por exemplo, o bairro Santa Helena que ganhou asfalto em algumas ruas. Nós poderíamos ter mais indústrias aqui em Faxinal – PR é bem limitado. (Entrevista 01: Lourdes Farias)

As mudanças na área da cidade foram percebidas pelos seus moradores, evidenciamos esse fato no trecho acima quando a colaboradora destaca, por exemplo, a pavimentação asfáltica de um bairro, como aspecto que marcou em sua lembrança.

O que foi percebido também nesse discurso, foi que é reconhecido uma mudança na cidade, onde por juízo de valor a colaboradora Lourdes Farias afirma que houve uma evolução, como vemos a seguir:

Então, houve evolução, houve sim porque nós tivemos, por exemplo, na educação mesmo, houve uma evolução significativa hoje nós temos a UEL a UEPG com os cursos a distância aqui e são uns cursos importantes que oportunizam para os alunos da região aqui de Faxinal. Sobre o comercio, quem tinha comercio eram os familiares que trabalhavam, por exemplo: se tinha uma venda, quem cuidava era a família não existia muitos empregados.

Eu acho assim que, se você fosse pegar uma área de floresta ou uma mata como aqui a mata “veruelin” claro que eu sou totalmente contra mexer ali, eu sou totalmente contra, eu acho que ali tem que ser preservado, e pelo contrario tem que investir mais para preservar os rios e tal com mata ciliar, mas dentro da cidade eu acho que não interfere não. (Entrevista 01: Lourdes Farias)

Além da questão dessa “evolução” destacada, temos no nosso *corpus documental* aspectos sobre a temática ambiental da cidade, além de uma preocupação enquanto moradora da cidade. Sobre a questão de morar na cidade, o lado afetivo desempenha relevante função no modo como Lourdes Farias e muitos outros moradores pensam em relação ao ser faxinalense.

Não penso assim de morar em outra cidade, como São Paulo – SP, Curitiba – PR, Londrina – PR, nem Apucarana – PR. Ficamos dois anos em Apucarana a gente voltou correndo para cá. Porque a minha mãe não gostou, não se acostumou, eu acho que tudo o que eu sei tudo o que eu fiz, eu construí aqui. Desde que eu era solteira eu sempre tive curiosidade, eu sempre fui estudiosa, eu sempre quis evoluir, eu busquei, eu não fiquei parada no tempo, mesmo morando aqui eu busquei então eu acho que isso aí, não é o tamanho da cidade que faz você. É você que se faz de acordo com a tua vontade, teu querer, com as tuas necessidades, eu acho que o importante é isso. (Entrevista 01: Lourdes Farias)

O morar e o viver são elementos que têm grande peso no cotidiano, dos moradores de Faxinal no sentido que por mais que a vida os tenha imposto dificuldades, os mesmos estabelecem uma relação pessoal com a cidade.

Sobre a nossa segunda colaboradora, também mora em Faxinal há muitos anos, desde 1954, três anos após a cidade se emancipar politicamente, sua relação com a cidade também vai além de conhecer muito bem e ter presenciado as principais mudanças na mesma.

As condições da entrevista proporcionaram uma sensação de conforto para a mesma, pois a entrevista se realizou na casa da colaboradora, dia 11/06/16 às 14h: 22m. Data e local escolhido pela colaboradora por poder proporcionar praticidade para a execução do projeto. Sobre a colaboradora temos a seguir determinados dados:

Nome: Antonia Zonela Bocardo.

Idade: 78 anos

Profissão: Do Lar

Endereço: Rua Santos Dumont, 774. Faxinal – PR.

Sobre o produto da entrevista, sua transcrição e a percepção sobre as mudanças na cidade, temos a visão de Antonia:

Faxinal mudou muito!

Sou a Antonia Zonela Bocardo, moro na Rua Santos Dumont, 774 tenho 78 anos moro em Faxinal - PR há 44 anos, nessa casa, bem nessa mesma casa faz 11 anos, mas eu morava ali na frente no mesmo lugar, na mesma rua, no mesmo quintal só que era ali na frente, era uma casa de madeira ali, aí eu desmanchei e fiz o prédio. (Entrevista 02: Antonia Bocardo)

Neste trabalho analisamos o processo de urbanização, onde as mudanças sempre se destacam, porém as continuidades também fazem perto do objeto de análise, observamos como a nossa colaboradora morou muitos anos na mesma residência. Além da mesma expor que mora a muito tempo na cidade, como um argumento de legitimação de discurso.

Bem a cidade era bem calma, as ruas eram de terra não tinha asfalto. As casas todas de madeira...

Ah, no centro era igual, só que era tudo de madeira, as casas, o comércio, não tinham o material, na época que eu entrei aqui, só tinha o “Seu Abílio” que na esquina era prédio, era só ele, mas para baixo era só madeira. Era do mesmo jeito, todos os lotes tinham, tinha bastante gente aqui no centro, a cidade cresceu aqui para fora, mas o centro é o mesmo, só que agora é tudo de material, é tudo mais bonito antes era feio, aquelas casas velhas, de madeira. (Entrevista 02: Antonia Bocardo)

Além das continuidades destacadas, podemos observar que a Antonia Bocardo também ressalta as mudanças, onde segundo a mesma a cidade cresceu em seu entorno, mantendo a estrutura do centro. A questão do juízo de valor também se faz presente, a colaboradora julga que atualmente o centro é bonito, e anteriormente as casas de madeira deixavam uma aparência não muito agradável, segundo a entrevistada.

Mais uma vez podemos perceber a questão do tempo de morada, como algo importante na fala da colaboradora, como vemos a seguir:

Moro na região há mais de 60 anos, antes eu morava na Fazenda Limeira, na estrada de Grandes Rios – PR.

A minha infância eu não me lembro de muito, mas foi normal no sítio, eu brincava de casinha, ficava no balanço que amarrava na árvore, fazia comidinha, brincava de boneca.

Meus pais eram lavradores, trabalhavam na roça, minha mãe do lar, nós éramos nove irmãos. Quatro mulheres e cinco homens, todos vivos graças a Deus, e eu sou a mais velha. O mais novo é o Zeca deve ter uns 65 ele nasceu em 1952.

O modo de viver hoje em dia é diferente tudo, a gente naquela época só tinha uma televisãozinha preto e branco, um radinho, hoje em dia a gente tem tudo. (Entrevista 02: Antonia Bocardo)

A infância no meio rural pode ser analisada no trecho acima, elementos como as brincadeiras infantis no meio rural na década de 1960. Além de análise das profissões mais comuns para esses moradores. O trecho destacado também pode revelar muita coisa sobre a estrutura doméstica e a existência ou não de um planejamento familiar.

O que temos aqui é uma fonte para um possível estudo sobre como era constituída a família durante o período abordado, durante a zona rural de Faxinal na

década de 1960. No presente recorte do discurso de Antonia Bocardo, observamos que a mesma fazia parte de uma família de onze integrantes: pai, mãe e nove filhos.

Após a preocupação com uma espécie de apresentação, Antonia Bocardo volta seu foco para a cidade de Faxinal:

Sobre a cidade: dos 44 anos que eu moro aqui e da época que eu vivi no sitio era quase igual, não tinha mudado muito, mudou bem de uns 20 anos para cá que a cidade veio mudar bastante, antes não. Antes era bem pacata. A igreja de madeira lá em baixo, onde é o Erico Veríssimo, a rodoviária era lá perto. O hospital era de madeira lá em baixo no final da Avenida Eugenio Bastiani, o hospital era lá, o hospital São Luiz. (Entrevista 02: Antonia Bocardo)

Antonia Bocardo compreende que as mudanças mais bruscas na cidade veio a ocorrer nos seus últimos 20 anos, antes disso, as mudanças eram mais lentas, segundo a colaboradora. O aspecto mais calmo também é ressaltado quando ela diz que a cidade era muito pacata, onde ela destaca a presença dos principais pontos da cidade, como a igreja de madeira entre outros.

A educação da colaboradora também se apresenta como um aspecto que ela ressalta, no caso, a sua não oportunidade de ir a escola, contudo a mesma salienta que toda sua instrução fora feita em casa.

Ah eu nunca fui à escola, o que eu aprendi, aprendi em casa com meu pai, eu sei escrever o nome, sei fazer conta, sei até bem, eu sou inteligente.

Sobre o lazer aqui na cidade tinha o cinema, só que não faz muita falta porque a gente televisão hoje em dia, o cinema era lá do lado do Erico, era um barracão velho, que não existe mais, demoliram e construíram um prédio, mas não tem mais nada, aí depois mudou para ali perto de uma loja grande hoje a “Ki – Barato”. Hospital só tinha um, só o São Luiz que deve ter mais de 50 anos, o hospital Municipal é novo, deve ter 20 anos (Entrevista 02: Antonia Bocardo)

Uma opinião interessante é que segundo Antonia Bocardo o fato do cinema não existir mais na cidade não faz mais falta, pois os aparelhos televisores ocuparam o lugar e função do mesmo. O outro aspecto é o da saúde no qual a colaboradora destaca a

relevância do hospital São Luiz que sempre se apresentou como uma referência para a população.

Ele era o centro da região, as pessoas vinham de longe se internar aqui. Hoje que acabou tudo, mas vinha tudo de fora, vinha de Rosário do Ivaí -PR, Grandes rios - PR, Borrazópolis - PR vinha tudo aqui, agora que surgiram outros hospitais por aí, aí Faxinal - PR foi ficando de lado e agora Faxinal que tem que correr, porque olha, Ivaiporã – PR, o pessoal vinha aqui, agora o pessoal vai para lá. (Entrevista 02: Antonia Bocardo)

Quando Antonia Bocardo discorre sobre a relevância da cidade de Faxinal para as outras cidades, podemos sentir uma espécie de ressentimento pois a cidade detinha uma espécie de posição de referência na região, os moradores dos municípios vizinhos iam até Faxinal, fato esse que foi mudando com o tempo, e atualmente, como lamenta a colaboradora os moradores que acabam se locomovendo para outros municípios.

Sobre ter mais contato com outras cidades acho que não tinha antigamente não. Era mais afastado. Porque olha o município de Faxinal antigamente era muito grande, descia até a balsa do Rio Ivaí – PR era tudo território, até Mauá da Serra – PR era tudo Faxinal – PR, era muito grande o município, depois foi dividindo onde era Cruzmaltina, Mauá, antigamente era muito grande o território de Faxinal, aqui era praticamente centro, que nem hospital mesmo, aqui era o centro, tudo da região vinha aqui no hospital. (Entrevista 02: Antonia Bocardo)

Além dos principais elementos destacados até o momento, um outro que pode ser abordado pela nossa fonte, é o contexto de emancipação política do município de Faxinal no início da década de 1950, como vemos a seguir:

Quando nós mudamos aqui em 1954 Faxinal - PR já tinha mais de 30 anos, nessa época, Faxinal - PR é muito velha. Só que não era município, pertencia a Marilândia do Sul – PR aí depois que emancipou e teve o prefeito, o prefeito chamava “Pedro Jorge” Pedro Gonçalves da Luz, era o nome dele, por isso que tem o nome do bairro lá em cima, esse que era o prefeito, depois foi Expedito Zanotti.

Essa travessa aqui era a Rua espírito santo, hoje é José Martins Vieira, ali em baixo tem a Ismael Pinto Siqueira que era a Duque de Caxias. Ali a Rua do Hospital a Iany de Oliveira Munhoz era a Rua Tiradentes. Lá em baixo era a Avenida Paraná, onde é a Avenida Eugenio Bastiani atualmente, ele era o pioneiro da cidade, o Eugenio Bastiani aí quando ele morreu, puseram

na rua o nome dele, foi mudados todos os nomes de ruas. Foi depois que os velhos começaram a morrer, foram mudando. E tem mais ruas que mudou só não mudou essa aqui a Av. Brasil, que manteve eu preferia que fosse os nomes antigos que eram pessoas importantes da História do Brasil..
(Entrevista 02: Antonia Bocardo)

O papel da nomenclatura das ruas é um elemento que se apresenta como um marco na compreensão de mudança, segundo Antonia Bocardo, o nome das principais ruas foram mudando conforme os principais nomes da cidade iam falecendo. Esse se destaca como um elemento que ficou na lembrança da mesma. Nesse sentido, percebe-se também um juízo de valor, onde Antonia Bocardo ressalta que preferia os nomes anteriores por se tratarem da História do Brasil.

O reconhecimento também surge e é compreendido na fala de Antonia Bocardo, quando a mesma nos traz a existência de um conjunto habitacional com o nome de seu sogro, como vemos nesse trecho:

Lá em cima tem um conjunto que tem o nome do meu sogro: “Domingos Bocardo” eu não sei exatamente onde fica porque eu não andei ainda por lá, mas sei que tem. É vão morrendo as pessoas antigas vão pondo o nome.
(Entrevista 02: Antonia Bocardo)

As mudanças no âmbito ambiental também foram sentidas por Antonia Bocardo, quando segundo ela, a paisagem da cidade se apresentava da seguinte forma:

Era mais verde, hoje tá muito desmatado, além de que hoje tá tudo mais mecanizado, antigamente não era, antes era tudo feito na mão. Hoje são mecanizadas as plantações. Destrói tudo. Desmata muito, mas matão, matão mesmo não tinha faz muitos anos faz tempo, quando nós chegamos aqui, já tinha acabado, quando a gente veio morar aqui na região há uns 60 anos já não tinha, em 1954 que nós chegamos aqui já tinha muito pouco mato, aqui na região de Faxinal – PR, aqui se chamava “Terra da Samambaia”, porque tinha acabado o mato só tinha samambaia e tinha os “safristas”. “Safrista” é criador de porco, plantavam roça de milho e depois soltavam os porcos para comer, para engordar, aí eles levavam para Ponta Grossa – PR para vender na época. E nem estrada tinha, era tudo no meio do mato. (Entrevista 02: Antonia Bocardo)

A mecanização da agropecuária faxinalense também mudou de acordo com Antonia Bocardo, como vimos no trecho anterior. O saneamento básico também é

lembrado como algo que mudou a vida dos moradores, e deve ser destacado como elemento de destaque no processo de urbanização da cidade como a mesma destaca abaixo:

Ah hoje tá melhor, mais conforto, antigamente a vida era muito sofrida, a gente não tinha água encanada, não tinha nada! Era tirada do poço, com balde, a gente andava a pé porque não tinha carro, luz tinha, não tinha na minha casa, água encanada. Depois foi tudo melhorando, tá uma maravilha, se melhorar estraga. (Entrevista 02: Antonia Bocardo)

A questão afetiva também surge no discurso de Antonia Bocardo, onde podemos observar como os moradores compreendem a relação deles com a cidade:

Acho que não viveria bem em outro lugar, porque eu sou acostumada aqui, a gente se criou aqui praticamente, quando a gente veio morar aqui na região, eu tinha 16 anos, eu era menina. Então eu não saberia viver em outro lugar. (Entrevista 02: Antonia Bocardo)

Sobre a terceira colaboradora no projeto, “Dona Cida” Aparecida Zaneli Cordioli mora na cidade há 32 anos, também tem uma relação de longa data com a cidade. As entrevistas ocorreram na casa de seu filho, um lugar conhecido e escolhido pela colaboradora, por questão de acessibilidade, a entrevista ocorreu 11/06/16 às 16h03m e a seguir alguns dados sobre a colaboradora:

Nome: Aparecida Zaneli Cordioli

Idade: 73 anos

Profissão: Costureira e do Lar

Endereço: Rua Sete de setembro, 823, Faxinal – PR.

Costureira e do lar, ao longo desses anos percebeu como alguns elementos da cidade mudaram e com isso transformou a cidade, a seguir o produto de sua entrevista:

Adoro minha cidade!

Me chamo Aparecida Zaneli Cordioli moro na Rua Sete de setembro, 823, Faxinal – PR eu costuro, mas sou principalmente do lar moro em Faxinal - PR há 32 anos, na mesma residência há 28 anos, morei quatro anos na casa da finada sogra. (Entrevista 03: Aparecida Cordioli)

A nossa outra colaborada Aparecida Cordioli que mora a 32 anos em Faxinal compreende como o saneamento básico como um dos principais marcos do processo de urbanização, além do fato das casas serem de madeira, a forma como as ruas se distribuem, entre outros aspectos, como vemos a seguir:

As casas eram de madeira, as ruas todas de chão ainda, não eram asfaltadas. Não pera, ali já tinha asfalto sim, tinha e a região ali é que nem era agora, mesma coisa, há 32 anos.

Ah eu lembro que as ruas eram espaçosas. As casas longes uma da outra, de madeira. Água, luz tinha. Na casa a que viemos morar, já tinha. No centro. A gente morava bem no centro. Mas as casas mais longe não tinham.
(Entrevista 03: Aparecida Cordioli)

Uma especificidade no discurso de Aparecida Cordioli, é que a mesma evidencia o seu local de fala, e podemos perceber que no centro da cidade, onde ela mora já havia alguns serviços de saneamento básico, contudo, nas casas mais distantes do centro da cidade, esses recursos não existiam.

A infância da nossa terceira colaboradora também é lembrada, e como se deu essa fase, é lembrada pela mesma:

A minha infância foi na roça, brincando de casinha, andando a cavalo, andando de bicicleta, caía meus tombos lá, mas não parava, pulava corda, mas tinha que ajudar na roça, pegava uma cestona de comida na cabeça e levava pros irmãos lá na roça... Meus pais eram lavradores éramos nove irmãos. Papai mamãe e nove irmãos.

Quando eu era pequena nós vínhamos para a cidade para comprar um sapatinho, fazer um permanente (risos) a gente vinha de carroção, eram 20 quilômetros de carroça, saia cedo e voltava de noite tirava o dia para vir para cidade era uma vez por ano, a cada seis meses, só quando precisava fazer as coisas mesmo. Só quando era necessário. Estudei até o 3º ano primário, estudei em escola de sítio e hoje não tem mais nada no local.
(Entrevista 03: Aparecida Cordioli)

Além da questão de como era a infância e educação no meio rural de Faxinal – PR no período analisado, se faz presente como nas outras entrevistas, a questão do lazer, como vemos no seguinte trecho:

Que eu me lembro de lazer da cidade, tinha o cinema e de vez em quando vinha circo, até no sitio ia circo a vizinhança ia toda. Além dos bailes que eu falei que tinha terço nas casas em tempos de São João, Santo Antonio, tinham mais “bailão” assim e nesses bailes tinham sanfona, gente cantando, violão. Era terço, depois brincava, tacava fogo na fogueira e era baile até amanhecer... (Entrevista 03: Aparecida Cordioli)

O que podemos compreender nesse trecho, é a questão do lazer e como cada colaboradora destaca algo, um motivo para essas pluralidades, se pauta possivelmente na questão da classe social, de ter acesso ao que lhe possibilitado. Compreendemos mais claramente isso, quando comparamos as falas das colaboradoras.

Uma possível análise sobre a História das instituições de saúde, se torna possível devido ao fato, de podermos detectar a importância do hospital para a sociedade:

Sobre a estrutura da cidade Tinha o hospital São Luiz, que era lá em baixo era tudo pago ele foi o primeiro, que era lá em baixo, era um hotel e passou a ser hospital e os médicos moravam dentro do hospital. E daí veio o Dr. Milton e também veio morar no hospital, Dr. Walter, os médicos moravam no hospital. (Entrevista 03: Aparecida Cordioli)

Sobre a capacidade de locomoção, e a compreensão de como os moradores entendem também podemos analisar, de acordo com Aparecida Cordioli, temos:

Relação com outras cidades, hoje aparenta ser mais perto e antigamente era difícil porque agora é tudo carro, tem estrada, aquela época era tudo carroça, então era mais difícil. Para ir para outra cidade só tinha um ônibus velho que ia para Marilândia do sul – PR. (Entrevista 03: Aparecida Cordioli)

No processo de urbanização da cidade, as mudanças marcam mais na memória das pessoas, e como essas mudanças ficaram nas lembranças de Aparecida Cordioli, ela destaca o surgimento de novos bairros, como vemos:

Faxinal - PR Mudou bastante, tem bastante conjunto agora, quando nós mudamos ali, na nossa casa só tinha um conjunto bem longe, aí foi crescendo... Surgiu o conjunto JK, Jardim nutrimil, jardim Aracy... Adram, tudo conjunto novo.

Só que antigamente tinha chácara e tinha bastante “capoeira” eram sítios, chácaras de 10, 15 alqueires, plantavam café, tinham vaca, tinha cafezal

agora não tem mais nada disso. Agora é só soja, antigamente era só café.
(Entrevista 03: Aparecida Cordioli)

Aparecida Cordioli é mais específica ao mencionar que o café e as atividades pecuárias perderam espaço para o cultivo de soja. Fato esse que deve ser levado em consideração se tivermos como objetivo uma história no sentido mais econômico.

O aspecto afetivo é algo muito presente também na fala da colaboradora, elemento presente na fala de Lourdes Farias, Antonia Bocardo e não seria diferente, para Aparecia Cordioli:

Sobre morar tanto tempo na cidade, acho que a cidade interferiu na minha vida, se fosse morar em outra cidade seria difícil, eu não ia acostumar, porque a gente é acostumada no mundinho da gente. Não penso em morar em outra cidade, Ah não! Não me sentiria bem. Adoro a minha cidade!
(Entrevista 03: Aparecida Cordioli)

CAPITULO III: O ser humano e sua relação com o espaço: O processo de urbanização da cidade de Faxinal - PR.

Para compreender como a questão das relações entre determinadas regiões e como* isso afeta as localidades, devemos analisar como o conceito “região” será compreendido no decorrer do trabalho. Nesse sentido a obra de Milton Santos traz importantes considerações acerca à questão do que pode ser considerada “região”, segundo o professor Milton Santos temos a seguinte compreensão:

“(…) As regiões são um espaço de conveniência, meros lugares funcionais do todo, pois, além dos lugares, não há outra forma para a existência do todo social que não seja a forma regional”. (1996, p.98)

Percebemos que quando se tenta analisar o regional deve sempre ter em mente sua relação com outros espaços de convivência, e o que o professor Milton Santos esclarece é que independente das relações de um local com os outros, toda forma de existência do social é regional.

Ou seja, independente das formas de relacionamento com outros de espaços, todo espaço deve ser pensado a partir do local. Uma lógica de pensamento que nos leva a considerar o estudo desses territórios, do centro para fora, do seu alvo de pesquisa para a periferia que o cerca, pois toda forma de existência é local.

Para se compreender esse raciocínio, sobre a importância de se estudar o espaço local, primeiramente devemos pensar o que podemos abarcar como espaço, e nesse sentido, utilizaremos o que o professor Milton Santos nos traz:

“Há diversas formas de entender o espaço. Hoje, tomemos a acepção seguinte: o espaço como a soma indissociável entre sistemas de objetos e sistema de ações.” (1996,p.98).

O que podemos compreender é o que o espaço é o resultado de uma soma de fatores que o influenciam, como os sistemas de ações e sistemas de objetos. Sendo os sistemas de ações um conjunto de ações que moldam o espaço, e os sistemas de objetos, uma ferramenta para que essas ações possam construir o espaço.

Compreendemos o espaço como sempre em constante mudança, no sentido em que sempre surgem mais objetos e mais ações são realizadas mudando a paisagem, sendo ela urbana ou rural. O que nos faz ter a necessidade de compreender que até os

conceitos são mutáveis e cada época e lugar compreende de acordo com suas necessidades.

O que podemos destacar nesse sentido é a relação entre esses sistemas que resultam nessa constante reelaboração do espaço, e nas relações entre os diferentes espaços, e em como um pode influenciar no outro, assim sendo:

“(…) A partir desse quadro, o espaço se redefina como um conjunto indissociável no qual os sistemas de objetos são cada vez mais artificiais e os sistemas de ações são, cada vez mais, tendentes a fins estranhos ao lugar. Em outras palavras, de um ponto de vista do lugar e seus habitantes, a remodelação espacial se constrói a partir de uma vontade distante e estranha, mas que se impõe à consciência dos que vão praticar essa vontade.” (Santos, Milton p.100 1996)

Notamos a seguinte ideia: muitas vezes as mudanças de determinado local, são comandadas, ou direcionadas a partir de outro local e os habitantes acabam trabalhando nessas mudanças, como podemos ver nas “remodelações” que partem de interesses distantes.

Devemos ficar atentos para quais os mecanismos que proporcionam essas hierarquias nessas relações, se estamos falando de algo cultural, econômico ou político. Tendo em vista que cada região tem sua peculiaridade, como uma empresa que pode ter chegado à região, algum incentivo fiscal governamental, por exemplo.

Assim sendo cada espaço é composto por fatores internos e externos, por sistemas de ações, e sistemas de objetos, objetos esses muitas vezes vindo de outros locais exacerbando como todo espaço está sempre relacionado a outro espaço. Deve se ter precaução ao analisar essas relações para identificar possíveis hierarquias, e se existentes, quais os mecanismos que a fomentam.

A questão da fronteira é um aspecto importante na compreensão do homem enquanto ser vivente em comunidade, qual sua funcionalidade, qual a relação entre seus constituintes e como ela afeta os que dela se utilizam. O que se deve ter em mente é que as fronteiras, pensando de uma maneira mais sucinta, são capazes de nos ajudar a se identificar como parte de um grupo, e principalmente, como não participantes de outro grupo.

Em outras palavras, as fronteiras nos auxiliam a nos identificarmos como pertencentes à determinada comunidade, somos da comunidade X e não Y, além de

nos identificarmos como nós mesmos, às fronteiras servem para identificarmos os outros.

Marc Augé⁷ ressalta que as fronteiras nunca são desfeitas, elas apenas se reelaboram, de acordo com as necessidades, assim como Milton Santos considera com os conceitos, que a cada tempo, são reconstruídos e ressignificados.

“As fronteiras não se desfazem jamais, elas se redesenham. É o que nos ensina o movimento do conhecimento científico, que desloca progressivamente as fronteiras do desconhecido. Um saber científico jamais é constituído como absoluto; é o que o distingue das cosmologias e das ideologias: ele sempre tem novas fronteiras como horizonte. (1935, p.25)

O autor utiliza o termo *fronteira* dando exemplo do movimento do conhecimento científico, contudo para o desenvolvimento do trabalho, utilizaremos o termo *fronteira* para compreender as delimitações entre o regional/local em relação ao global. Tendo em mente essa questão, da constante reelaboração.

Essas constantes mudanças nas fronteiras, devem ser compreendidas como elemento que reforça a ideia de que o espaço está sempre em constante mutação e essas mudanças são frutos de uma relação entre os chamados sistemas de ações e sistemas de objetos, como já trabalhado.

Sendo os lugares aspectos que sempre tem suas relações modificadas, os elementos que legitimavam uma hierarquia entre determinada área também mudaram no decorrer do tempo, antes alguns elementos eram mais importantes, hoje, não.

Atualmente o que diferencia uma região de outra, é segundo Milton Santos é a questão da racionalidade, no sentido de domínio de tecnologia, do que move os sistemas de objetos: a informação. A informação é a unidade de medida de racionalidade então de determinada área. “O espaço hoje se subdivide entre subespaços onde há uma carga considerável de racionalidade e áreas onde isso ainda não ocorre.” (SANTOS. 1996, p.106.) Percebemos como a racionalidade adquire a capacidade de diferenciar os espaços, e como isso molda as relações entre os espaços.

⁷ Marc Augé .Por uma antropologia da modalidade. 2010

Os interesses regionais são desse modo, mutáveis, e assim:

“A nova relação entre regiões, aquilo que no passado se chamava de dependência regional, subordinação de umas áreas a outras, tem esse conteúdo novo de ciência, tecnologia, informação, mas também dessa racionalidade outorgada pelas ações e pelos objetos. A nova centralidade depende dessa racionalidade que não se dá igualmente em toda parte.” (SANTOS, Milton 1996 p. 106)

O que destacamos disso são alguns elementos: a) essas relações que analisamos hoje, no passado eram consideradas de “dependência” hoje tem uma roupagem de necessidade tecnológica, de acima de tudo, informação. b) Seria então, o controle pela tecnologia e informação, o aspecto que fundaria assim, uma centralidade em cima de áreas sem esse domínio da informação, digamos assim.

Os parâmetros seriam capazes de classificar as regiões e aspectos relevantes referentes a relação entre os espaços mudaram e atualmente segundo Milton Santos:

“(...) A partir desta nova organização do território, não cabe mais no caso do Brasil, falar em litoral e interior, ou simplesmente em cidade e não cidade, ou urbano e não urbano. Há espaços marcados pela ciência, pela tecnologia, pela informação, por essa mencionada carga de racionalidade; e há outros espaços.” (Santos, Milton. 1996, p.107)

Observa-se assim como não podemos mais, classificar as regiões em cidade e não cidade, além dos outros exemplos citados pelo autor, mas em regiões mais ou menos racionais, no sentido de detenção de informação.

Nesse sentido, devemos considerar como as relações entre os espaços se dão, e ter em mente que são sempre repensadas, e modificadas. E temos que ter em mente, os homens como os agentes das principais mudanças, os homens como responsáveis pelas mudanças no espaço.

Sobre os homens como os agentes das mudanças no espaço, uma variável importante nesse processo é analisar a quantidade de homens em um mesmo local e como essa densidade interfere, nas alterações do meio. Não estamos dizendo que quanto mais gente em um determinado espaço, maior as mudanças, mas sim que essa variável deve ser levada em conta.

Nesse âmbito de aglomeração, podemos destacar a importância da vizinhança na base das relações de regiões, menos aglomeradas, é como se a relevância dessa relação

fosse aumentada em locais em que a densidade populacional não se compara a das grandes metrópoles.

Sobre a relevância dessa proximidade:

“(…) O papel da vizinhança na produção da consciência é mostrado por J. Duvignaud (1977, p. 20), quando identifica na "densidade social" produzida pela fermentação dos homens em um mesmo espaço fechado, uma "acumulação que provoca uma mudança surpreendente" movida pela afetividade e pela paixão, e levando a uma percepção global, "holista", do mundo e dos homens.” (SANTOS, Milton. 2006, p.216)

Milton Santos quando enfatiza essa questão, da fermentação de homens em um espaço fechado, nos trás um aspecto importante, as relações sociais também são afetadas pelo local, no sentido que o papel da vizinhança é diferente a partir do que ele denomina “densidade social”.

O que percebemos é que as relações sociais são deste modo, influenciadas a partir do local em que o sujeito se encontra, e o sujeito modifica seu espaço a partir de um conjunto de sistemas, os sistemas de ações e de objetos, já mencionados. O que faremos nesse trabalho é analisar essas ligações tendo como espaço a cidade de Faxinal - PR e como documento para analisar essas relações, as entrevistas analisadas no capítulo anterior.

Manteremos a ordem adotada no capítulo anterior, começando pela professora Lourdes Soares Farias, nascida e criada em Faxinal, pôde presenciar as principais mudanças, e nos forneceu uma perspectiva acerca o processo de urbanização da cidade e como isso modificou o espaço.

Nesse sentido a mesma destaca:

“Nascida e criada em Faxinal – PR eu morava com meus pais na rua dos antigos depois eu casei e fui morar na Rua Santos Dumont, acho que morei uns dois anos, no máximo uns dois anos e meio aí eu mudei para o Jardim São Pedro. Essa ultima residência eu acho que nós entramos lá em 1976, a gente já construiu de novo e tal, mas na mesma rua, no mesmo espaço, no mesmo local há 40 anos e gosto dali viu? Gosto muito de morar no meu bairro, na verdade esse foi um dos primeiros bairros que o prefeito da época construiu é o bairro conhecido como o “populares velhas” e o nome do núcleo é João Alberto Fontes.”. (Entrevista 01: Lourdes Farias)

O trecho destaca alguns elementos, como o período em que a moradora mora na mesma residência, cerca de 40 anos, além da sua relação afetiva para com a cidade,

principalmente o bairro. A colaboradora também destaca também o seu bairro como um dos primeiros que o prefeito da época construíra, sendo assim um dos bairros mais antigos da cidade.

Sobre a questão da constante mudança do espaço, podemos perceber esse fator no fato de Lourdes ter demolido e reconstruído sua casa, nesses anos todos, observamos como as transformações da cidade, partem dos próprios moradores, agentes das mudanças na paisagem do município.

Nesse sentido, podemos perceber como os moradores em suas pequenas intervenções acabam moldando o espaço em que vivem e os aspectos da cidade, dando a ela, mais movimento, o que temos então é um fluxo de mudanças, como ressalta Milton Santos (2016, p.216) “A cidade é o lugar onde há mais mobilidade e mais encontros”. Podemos considerar esses encontros, como as relações sociais produzidas e pautadas no cotidiano dos moradores.

A cidade nesse âmbito desenvolve um papel importante como cenário dessas relações sociais dos moradores como podemos perceber nesse trecho da entrevista de Lourdes:

“(...) A minha infância foi junto com a minha mãe, minha mãe era evangélica e eu a acompanhava nos cultos, às vezes íamos a um batismo, a gente ia de caminhão. Depois na juventude o que tinha de lazer era o cinema da cidade, havia um cinema e tinha o clube, “40 Country Clube” “Clube dos 40” como era chamado na época, e daí tinha os matine a tarde e eu gostava de ir, porque até antes de eu começar a namorar o Jhacer eu ia à igreja evangélica, meu lazer era só ir à igreja, depois que eu comecei a namorar ele que se abriu o leque um pouco e eu comecei a frequentar outros tipos de lazer.

Naquele tempo não tinha televisão aqui em Faxinal, tanto é que na copa do mundo de futebol de 1970 a gente foi assistir na casa do seu Onofre Olenick na final ainda, a gente se reuniu e foi lá porque as casas não tinham televisão, era só rádio. E uma das coisas que eu ouvia muito era a rádio, então era uma coisa de lazer também.”. (Entrevista 01: Lourdes Farias)

Destacamos aqui os como a cidade é capaz de “moldar” as relações entre os indivíduos, sendo pelas suas opções de lazer, ou por relações comerciais, ou por aspectos culturais.

No trecho da entrevista, a colaboradora “Dona Lourdes” pode nos fornecer as seguintes informações: Como a mãe da mesma era “evangélica” como ela mesma nos

relatou, sua infância teve contato com a comunidade da igreja que frequentou, tendo contato com mais pessoas da cidade, percebemos a igreja como um local de sociabilidade.

Um elemento destacado no trecho recortado, é o cinema, atualmente em 2016 não há cinema na cidade, e na década de 60 do século XX era um local muito importante para o lazer do faxinalense, uma espécie de ponto de encontro dos jovens e adultos. O outro lugar de sociabilidade dos moradores nessa época era segundo a colaboradora Lourdes Farias, era o “clube dos 40”, atualmente chamado de “40 country club” esse club ainda existe e se encontra na Avenida Brasil nº865 no local são realizados shows, confraternizações em geral.

A ausência da televisão é apresentada não somente por Lourdes Farias, mas em outras entrevistas como veremos mais adiante, contudo, como não era uma ausência total, algumas poucas residências possuíam e os moradores se reuniam para assistir determinados eventos, como destacado na entrevista, os moradores se agruparam na final da copa do mundo de futebol de 1970.

Sobre as transformações que a cidade sofreu ao longo desses anos, devemos ter em mente a relação entre o que cada individuo compreendeu como mais marcante, e não se esquecer de que trabalhamos com perspectivas de mudança, contudo, relacionar os principais aspectos para que possamos não cair num relativismo total.

O que podemos ressaltar é que alguns elementos estão presentes em todos os discursos como a questão da educação que na entrevista de Lourdes Farias surge em:

“(...) Eu acho que um dos marcos da cidade de Faxinal foram os colégios, as escolas, tanto o colégio Erico Veríssimo quanto o colégio Cenequista e o colégio São domingos porque não existia escola secundária aqui em Faxinal - PR. Além da construção da igreja matriz porque ali não existia nada. A igreja matriz foi assim, um marco, depois claro, teve o hospital municipal e uma coisa que marcou assim foi pavimentação da Rua Santos Dumont em paralelepípedo a Rua Santos Dumont era bem evoluída tinha umas vendas, umas lojas, a prefeitura ficava na esquina, só que era uma prefeitura de madeira. (Entrevista 01: Lourdes Farias)

A educação sempre está presente como um elemento em um processo de urbanização de uma cidade, no caso da cidade de Faxinal - PR não foi diferente a construção de alguns colégios fica na mente dos moradores como um elemento representativo de mudança.

Sobre o Colégio podemos observar segundo o PPP – Projeto político pedagógico do colégio – do ano de 2010 as seguintes informações:

“(...) Este Colégio nasceu da união do Grupo Escolar Ouvidor Pires Pardiniho – criado em 01/07/1958 e do Ginásio Estadual Governador Paulo Pimentel – criado em 28//05/1969.

Com a junção dos dois Estabelecimentos em 22 de maio de 1979, a escola recebeu o nome de Escola Érico Veríssimo - Ensino de 1º Grau, atendendo alunos de 1ª a 8ª séries (Primário e Ginásio).

O nome do Estabelecimento foi escolhido através de eleição entre professores e funcionários e presta uma homenagem ao grande escritor brasileiro – “ÉRICO VERÍSSIMO”. (PPP CEEV 2010, p.5)

Além da presença dos colégios como um marco na urbanização da cidade, tanto o Colégio Estadual Erico Veríssimo, quanto o Colégio São Domingos, que existem atualmente, representa uma preocupação com a educação, sendo a mesma, uma necessidade.

Sobre a construção da Igreja Matriz, temos outro aspecto que representou um marco, tendo suas atividades desde 1957 a igreja se tornou um ponto de referencia para a cidade, com sua construção e pelo fato do Colégio São Domingos estar ao lado.

A existência da igreja e sua praça se apresentavam como dito, o ponto de referencia na cidade. O outro elemento destacado fora a pavimentação da Rua Santos Dumont em paralelepípedo, pois nessa rua se encontrava e ainda se encontra a maioria das lojas e comercio em geral, sendo assim o centro comercial da cidade.

Sobre a questão do que é mais significativo para cada um, nossa colaboradora Antonia Bocardo, destacou:

“(...) Sou a Antonia Zonela Bocardo, moro na Rua Santos Dumont, 774 tenho 78 anos, moro em Faxinal - PR há 44 anos, nessa casa, bem nessa mesma casa faz 11 anos, mas eu morava ali na frente no mesmo lugar, na mesma rua, no mesmo quintal só que era ali na frente, era uma casa de madeira ali, aí eu desmanchei e fiz o prédio.

Bem a cidade era bem calma, as ruas eram de terra não tinha asfalto. As casas todas de madeira...

Ah, no centro era igual, só que era tudo de madeira, as casas, o comércio, não tinham o material, na época que eu entrei aqui, só tinha o “Seu Abílio” que na esquina era prédio, era só ele, mas para baixo era só madeira. Era do mesmo jeito, todos os lotes tinham, tinha bastante gente aqui no centro, a cidade cresceu aqui para fora, mas o centro é o mesmo, só que agora é tudo

de material, é tudo mais bonito antes era feio, aquelas casas velhas, de madeira” (Entrevista 02: Antonia Bocardo)

As mudanças no espaço partem dos moradores, vimos esse quesito na entrevista de Lourdes Farias e no de Antonia Bocardo, que ao longo dos anos foram mudando suas respectivas residências, alterando assim a paisagem urbana da cidade. Além dessas mudanças Antonia mora na cidade há 44 anos e na região há 60 anos e pôde perceber as principais mudanças da cidade.

O fato de que a maioria das casas era de madeira, foi o principal aspecto trazido pela idosa, que ressaltou isso como uma das grandes mudanças, além da ausência de pavimento nas ruas.

Entretanto, o cerne do discurso da idosa está no fato de que segundo ela, a cidade cresceu nesses últimos anos, contudo, cresceu centrifugamente de dentro para fora, crescendo os bairros que foram surgindo e crescendo com o tempo.

A questão de juízo de valor se faz muito presente no trecho analisado, segundo a colaboradora, as casas por serem de madeira, eram feias, hoje as construções em alvenaria são mais bonitas. O outro aspecto é a questão de que no período em que a senhora relata os lotes dos terrenos na área central já eram todos divididos e com construções.

Antonia Bocardo também traz aspectos referentes ao lazer presente na cidade, contudo a partir de outra perspectiva, vejamos:

“(…) Sobre o lazer aqui na cidade tinha o cinema, só que não faz muita falta porque a gente televisão hoje em dia, o cinema era lá do lado do Erico, era um barracão velho, que não existe mais, demoliram e construíram um prédio, mas não tem mais nada, aí depois mudou para ali perto de uma loja grande hoje a “Ki – Barato”. Hospital só tinha um, só o São Luiz que deve ter mais de 50 anos, o hospital Municipal é novo, deve ter 20 anos.”.
(Entrevista 02: Antonia Bocardo)

Nesse trecho vimos como o cinema era um elemento importante no lazer do faxinalense no período analisado, entretanto segundo Antonia Bocardo, atualmente ele não faz falta, tendo em vista que a televisão atende as necessidades nesse quesito. Além das questões de mudanças, tendo em vista que o local onde era o cinema, atualmente é outra coisa.

O outro elemento trazido no recorte acima é o hospital, o Hospital São Luiz que atraía pessoas de toda a região, era referencia, muito provavelmente pela escassez de hospitais nesse período. Com o tempo e o surgimento de outros centros de saúde, foi perdendo espaço, como a própria moradora ressalta:

“(...) Aqui era praticamente centro, que nem hospital mesmo, aqui era o centro, tudo da região vinha aqui no hospital.

Ele era o centro da região, as pessoas vinham de longe se internar aqui. Hoje que acabou tudo, mas vinha tudo de fora, vinha de Rosário do Ivaí -PR, Grandes rios - PR, Borrazópolis - PR vinha tudo aqui, agora que surgiu outros hospitais por aí, aí Faxinal - PR foi ficando de lado e agora Faxinal que tem que correr, porque olha, Ivaiporã – PR, o pessoal vinha aqui, agora o pessoal vai para lá.”. (Entrevista 02: Antonia Bocardo)

Podemos perceber que Faxinal - PR era uma espécie de centro regional, uma referencia para os moradores de municípios vizinhos, como os que a colaboradora Antonia Bocardo apresenta. Contudo com o surgimento de novas cidades, crescimento de algumas esse cenário mudou, atualmente temos outros locais, e o município de Faxinal integra uma serie locais destinados à saúde de um modo geral, tendo em alguns casos recorrer a outras cidades.

Destacaremos a seguir, como as mudanças na cidade foram percebidas pela perspectiva de outra colaboradora, Aparecida Cordioli destaca:

“Me chamo Aparecida Zaneli Cordioli moro na Rua Sete de setembro, 823, Faxinal – PR eu costuro, mas sou principalmente do lar moro em Faxinal - PR há 32 anos, na mesma residência há 28 anos, morei quatro anos na casa da finada sogra.

As casas eram de madeira, as ruas todas de chão ainda, não eram asfaltadas. Não pera, ali já tinha asfalto sim, tinha e a região ali é que nem era agora, mesma coisa, há 32 anos.

Ah eu lembro que as ruas eram espaçosas. As casas longes uma da outra, de madeira. Água, luz tinha. Na casa a que viemos morar, já tinha. No centro. A gente morava bem no centro. Mas as casas mais longe não tinham.”. (Entrevista 03: Aparecida Cordioli)

As serem de madeira, é o principal elemento que as colaboradoras trouxeram, sendo assim podemos compreender que essa mudança gradual das construções de madeira para as casas de alvenaria, sem duvidas marcou as moradoras, no sentido de representar as principais mudanças na cidade.

Contudo, em sua fala Aparecida Cordioli a “Dona Cida” destaca também as permanências, locais onde as mudanças não foram grandes, segundo a mesma, os locais mais próximos ao centro da cidade, não tiveram grandes modificações, porém as casas mais afastadas tiveram mudanças, como destacado pela colaboradora, a presença de água encanada e luz elétrica.

Além das mudanças de perspectiva, temos alguns elementos em comum, um exemplo disso, é a questão do lazer presente na fala de “Dona Cida”:

“(...) Que eu me lembro de lazer da cidade, tinha o cinema e de vez em quando vinha circo, até no sitio ia circo a vizinhança ia toda. Além dos bailes que eu falei que tinha terço nas casas em tempos de São João, Santo Antonio, tinham mais “bailão” assim e nesses bailes tinham sanfona, gente cantando, violão. Era terço, depois brincava, tacava fogo na fogueira e era baile até amanhecer...”. (Entrevista 03: Aparecida Cordioli)

Contudo, podemos observar outro elemento presente no lazer dos moradores, que não relatado pelas outras colaboradoras, o circo e sua presença até na zona rural se apresentou como um aspecto presente na memória de Aparecida Cordioli, além é claro do cinema, que fora lembrado pelas outras entrevistadas.

Outro meio de lazer também foi lembrado pela colaboradora, os bailes nas casas dos moradores, tendo uma iniciativa religiosa, mas após as cerimônias serem realizadas, a festa começava e ia até segundo a colaboradora, até o amanhecer.

O que percebemos é que alguns elementos estão presentes em todos os discursos, como o cinema, e cada colaboradora, traz elementos que representam a singularidade de sua fala. Um exemplo disso: Lourdes Farias além do cinema ressaltou o “40° Country Club” um club da cidade; Antonia Bocardo destacou o cinema, contudo, de acordo com a mesma, a televisão substituiu logo sua ausência não foi tão significativa; Aparecida Cordioli além do cinema ressaltou também a presença dos circos, além dos bailes.

As mudanças são de certa forma percebidas de acordo com o local de quem as vê, e mesmo vivendo o mesmo processo, cada colaboradora percebeu aspectos diferentes em relação ao processo de urbanização da cidade. Buscamos então nesse trabalho, analisar os discursos das moradoras, visando destacar os pontos em comum, entretanto levando em consideração as subjetividades dos próprios habitantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de urbanização de cada lugar segue seu ritmo, em determinados locais temos um processo mais rápido brusco e avassalador e em outros locais, esse processo se dá de maneira mais calma. O que devemos compreender que não existe maneira correta e nem que a urbanização de um local representa o seu destino, como numa visão teleológica da História, com início meio e fim.

Analisando o processo de urbanização de Faxinal – PR, podemos perceber ainda, como um mesmo processo histórico, pode ser compreendido de diversas maneiras. Ou seja, cada individuo cria sua perspectiva de acordo com sua posição social, profissão, família, relações, etc. O que não significa que uma compreensão seja mais errada ou mais certa, mas apenas diferente.

O presente trabalho pôde evidenciar como essas questões de singularidades na compreensão de cada um acerca determinada temporalidade, se faz presente, mesmo em pessoas de uma mesma categoria de idade, gênero, e de região de logradouro. Para isso, como foi visto no decorrer do trabalho, foi se utilizado, a metodologia de História oral, além de análise de outros documentos, e de textos historiográficos.

Além de ampliar a noção do que foi o processo de urbanização da cidade de Faxinal, o trabalho proporcionou uma compreensão sobre a questão da herança deixada em cada pessoa por essas mudanças, claro, tendo em mente o corpus documental disponível para o presente trabalho.

Sobre o trabalho podemos destacar que nos ofereceu a oportunidade de se chegar a determinadas constatações como: História Oral é um método de produção documental na área da História, que tem suas próprias especificações, suas limitações e suas amplitudes, trabalhoso, porém prazeroso.

Ao longo do trabalho, foi se descobrindo muitas coisas como: como as mudanças nos nomes das ruas afetou os moradores, nesse sentido, destacamos o discurso de Antonia Bocardó, uma de nossas colaboradoras que lembra onde mudou, e onde a nomenclatura se manteve. Para a mesma a troca de nomes de grandes nomes da História nacional para nomes de moradores que se destacaram como importantes para a cidade, não trouxe grandes mudanças, segundo a colaboradora, os antigos nomes

traziam nomes de personagens importantes para a História do Brasil, enquanto os novos nomes, são segundo a mesma, apenas de moradores.

Contudo, percebemos que são os moradores que constroem a História da cidade, ao passo que são os principais responsáveis pelas mudanças na paisagem do município. E essas mudanças, para quem as produz, parece não ter relevância, entretanto, essas mudanças feitas por muitas pessoas, mudam a cidade quase que como um todo, e os indivíduos não percebem essas transições.

Uma reforma de uma casa, a pavimentação de uma rua, a construção de uma loja, esses são apenas alguns exemplos de alterações que mudam o panorama da cidade. O que diferencia um processo de urbanização de outro, além de vários outros fatores, é a rapidez com que essas mudanças ocorrem, tendo em mente, que temos momentos que as mesmas surgem de maneira mais notável, em outros momentos são mais discretas.

Nesse sentido, essas mudanças que em determinados momentos são aceleradas, em outros momentos têm um ritmo mais vagaroso, significam muitas coisas, para uns moradores, o progresso, para outros, a estagnação. O que se deve ter em mente é que cada visão tem seu valor, tendo em vista que na História, não existe uma verdade, mas sim compreensões distintas do que se foi.

O que o trabalho nos pôde proporcionar foi a noção prática das pluralidades de compreensão do que foi um processo vivido por vários indivíduos, não somente as visões analisadas no trabalho, mas o entendimento que ainda temos vários outros modos de ver a História.

O trabalho analisou como o processo de urbanização foi sentido por três colaboradoras, Dona Lourdes, Dona Nica como é chamada Antonia Bocardo e pela Dona Cida, como também é chamada Aparecida Cordioli. As três colaboradoras nos trouxeram elementos importantes, cada uma destacando um elemento, nos proporcionaram uma breve compreensão do que significou na vida dos moradores, essas mudanças, que formaram o que hoje é a cidade delas.

Um elemento destacável nos três discursos analisado, é o lado afetivo em relação à cidade, as três colaboradoras enfatizaram que a cidade é o “lar” delas, não se vendo morando em outra cidade, mesmo sabendo que outras cidades poderiam proporcionar mais recursos, no que diz respeito a saúde, saneamento básico, segurança, etc.

O que podemos destacar é a riqueza de documentos, colaboradores no que se trata da análise do que foi o processo de urbanização, dando espaço para um recorte e aprofundamento no estudo dessas principais mudanças sentidas entre o que foi Faxinal - PR do passado e o que é Faxinal - PR atualmente.

O trabalho respondeu as principais questões norteadoras que se pautavam na compreensão de como se deram as principais mudanças sentidas pelos moradores, tendo em vista que analisamos como essas mudanças afetaram os moradores, a partir dos discursos analisados, tanto pelas entrevistas de História oral, quanto análise do livro de memórias de uma de nossas colaboradoras.

A análise de material historiográfico se fez necessário para compreensão do que rege os meios de produção do conhecimento histórico, e com isso relacionamos na prática conceitos como memória, documento, fonte, etc. Além disso, o trabalho proporcionou uma análise criteriosa a respeito das fontes que ao longo do trabalho se apresentaram.

A memória dos moradores se apresentou como um elemento muito importante na historicização de um processo como o aqui analisado, além de que relacionar os conceitos historiográficos com o cotidiano nos moradores, fez com que a comunidade tivesse contato com o conhecimento produzido em meios acadêmicos, esse se destaca como um resultado muito importante.

Esperamos que o trabalho possa estimular novas pesquisas sobre o processo de urbanização da cidade de Faxinal - PR e sua região, tanto pelos resultados, quanto pelas metodologias que certamente darão um trabalho árduo, porém, prazeroso.

No decorrer trabalho tivemos a chance de perceber como os moradores são agentes ativos nas mudanças da cidade, e não se faz necessário procurar pelos grandes nomes, pelos grandes homens da História, pois a seu modo, cada um constrói a sua e no fim todas se unem, como linhas que se entrelaçam.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. Por uma antropologia da modalidade/ Marc Augé; tradução Bruno César Cavalcanti, Rachel de Almeida Barros; revisão: Maria Stela Torres B. Lameiras. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BERNARDINO, Virgílio Manuel Pereira. A importância dos aspectos geográficos para o turismo no município de Faxinal-Pr: impactos ambientais. 2007. Monografia (Pós-Graduação em Geografia) – FAFIJAN, Jandaia do Sul.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas. 2006

BOSI, Ecléa. Memória & sociedade: lembrança de velhos. Ecléa Bosi. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979. Resenha por Juliana Schober.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2ªed. 2000.

FARIAS, Lourdes Soares. História da minha vida. Faxinal. PR. 2010.

FAXINAL.Prefeitura Municipal.
<http://faxinal.pr.gov.br/index.php?sessao=ce420ff221kce&id=62> acesso em 22/03/16 as 17:40.

FERREIRA, Marieta De Moraes; AMADO, Janaína. Usos E Abusos Da História Oral.

HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva e Memória Individual. In: HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=410760&search=|&infogr%Elficos:-hist%F3rico> . Acesso em 28/11/2015 as 15:48.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

LOZANO, J.E.A. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (Org). Usos e abusos da História Oral. 8ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p.15-25.

MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, F. História oral: Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTE MÓR, Roberto Luis de Melo. O Que É O Urbano, No Mundo Contemporâneo. In: REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO, Curitiba, n.111, p.09-18, jul./dez. 2006.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Faxinal / Paraná. 2012. Colégio Estadual Érico Veríssimo Ensino Fund., Médio, Normal E Profissional. FAXINAL/PARANÁ – NRE/APUCARANA. 2012.

PRIORI, A., et al. História do Paraná: séculos XIX e XX [online]. Maringá: Eduem, 2012. A cafeicultura no Paraná. pp. 91-104. ISBN 978-85-7628-587-8.

SAHR, Cicilian L. L & CUNHA, Luiz Alexandre G. O significado social e ecológico dos Faxinais: Reflexões acerca de uma política agrária sustentável para a região da mata com araucária no Paraná. In: emancipação, 5(1): 89-104, 2005.

SANTOS, Milton. Técnica-Espaço-Tempo. Globalização e meio técnico-científico-informacional. 2 ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SOUZA, E. C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. *Memória e formação de professores* [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6.

Por Raphael Lorenzeto de Abreu - Image:Parana MesoMicroMunicip.svg, own work, CC BY 2.5, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1361829>

APÊNDICES:

Carta de Autorização de uso de entrevista.

Faxinal, 31 de Janeiro de 2017.

Eu ^{Eu} Aparecida Zaneti Cordiali RG. 5.174.417-9
_____, declaro
para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada
11/06/16 para Renato dos Santos Silva
RG. 14.771.044-5

usa-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando vinculado controle à Universidade Estadual de Londrina, que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Aparecida Zaneti Cordiali

Carta de Autorização de uso de entrevista.

Faxinal, 31 de Janeiro de 2017.

Eu Antônia Zanella Bocardo, RG. 5.174.405-5
_____, declaro
para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada
_____, para Revista dos Santos Silvas
RG. 14.771.044-5

usa-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando vinculado controle à Universidade Estadual de Londrina, que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Antônia Z Bocardo

Carta de Autorização de uso de entrevista.

Faxinal, 31 de Janeiro de 2017.

Eu, Lourdes Soares Lima, RG. 1256836
_____, declaro
para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada
_____, para Renato dos Santos Silva
 RG 14.771.044-5
usa-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,
desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar
citações, ficando vinculado controle à Universidade Estadual de Londrina, que tem a
guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.



ANEXOS:

Dados de transcrição de entrevista: 01

Dados de gravação número 01, hoje é dia 25/05/16 estamos aqui em Faxinal – PR, colégio Érico Veríssimo aqui com a Dona Lourdes. Bom dia Dona Lourdes!

Bom Dia!

Dona Lourdes primeiramente, acho melhor explica como vai ser o trabalho.

Ok

O trabalho tem como objetivo analisar o processo de urbanização de Faxinal - PR a partir dos moradores, não como uma História institucional, como se por exemplo a prefeitura desse a História como “é essa”, mas eu quero perceber o processo de urbanização a partir de quem as vive, viveu, que viu sei lá, uma rua sendo construída, um jardim surgindo, e as transformações da cidade.

Bem, é interessante que no nosso campo da História, seria importante delimitar uma data, mas eu ainda não fiz isso porque eu quero contrastar sabe? Além da senhora vai ter mais umas três entrevistas também, e a gente quer pegar mesmo a questão do processo de urbanização a partir dos moradores, como se fosse para preservar a memória. Assim como o livro que é muito bom.

Tem coisas interessantes né?

Aham, eu to com um ali, meu orientador “tá” com um, ele já leu também, gostou e a gente vai fazer quase que a mesma coisa, só que com mais fontes.

Mais pessoas né?

Isso, mais pessoas e depois fazer um debate historiográfico.

(pausa para pegar a folha das questões pré-aprovadas)

Bem, dona Lourdes qual o seu nome completo?

Lourdes Soares Farias.

E a senhora mora aqui em Faxinal - PR ?

Rua Maria Quitéria ,55 jardim São Pedro

E a senhora tem 65 anos?

Isso, 65 anos.

A senhora é professora/pedagoga...

Isso, professora, pedagoga, efetiva do estado.

Quanto tempo a senhora mora em Faxinal – PR?

65 anos.

Nascida e criada aqui em Faxinal – PR.?

Isso nascida e criada em Faxinal – PR.

“Humm” então Dona Lourdes a senhora teve muitas mudanças de casa aqui em Faxinal – PR?

Teve “né” porque claro, eu morava com meus pais na rua dos antigos depois eu casei e fui morar na rua Santos Dumont, acho que morei uns 2 anos, no Maximo uns 2 anos e meio aí eu mudei “pro” Jardim São Pedro.

Então nessa ultima residência tem?

Ah e eu casei com 21 anos. Essa ultima residência eu acho que nós entramos lá em 76 (1976)

76?

Então tem deixa eu ver, 76,86,96,06,16. 40 anos

40 anos nessa mesma

É não é bem na mesma porque já teve modificações, a gente já construiu de novo e tal, mas na mesma rua, no mesmo espaço, no mesmo local a 40 anos e gosto dali viu? Gosto muito de morar no meu bairro.

E dona Lourdes, sobre morar em Faxinal - PR a senhora lembra como era o começo, como que era essa rua no caso a 40 anos atrás?

Sim, na verdade esse foi um dos primeiros bairros que o prefeito da época construiu. É o bairro conhecido como o “populares velhas”. E o nome do núcleo é João Alberto Fontes. E como eu tava casada novinha com meu marido a gente conseguiu uma casa popular, era um bairro de casas populares e então a rua era uma rua de terra, não tinha o asfalto depois na gestão do prefeito Juarez ele fez o asfalto, só existia o núcleo ali, não existia muitas casa além, como tem hoje o bairro bem evoluído. Nós temos igrejas a praça, então melhorou muito, desses 40 anos teve muitos avanços, foi construído um colégio e tals que fica bem em frente a minha casa a escola professora Maria Muziol Jaroskievicz, então, houve uma evolução não tanto quanto a gente queria, mas...

A senhora considera que foi rápido esse processo de transformação ou a senhora acha que foi gradual?

Não , não. Foi lento, foi gradual até porque a cidade também é pequena e a gente percebe que não tem muito investimento do setor publico na questão da urbanização, a gente poderia ter mais coisas e tá bem lento.

Agora uma questão mais particular, como é que foi crescer aqui? Como é que foi digamos...

A infância né? Então na verdade quando eu nasci, eu nasci na beira do Rio São Pedro, como diz lá meu livro depois meus pais mudaram para a rua dos antigos que é a primeira rua daqui de baixo, naquele tempo, só existia essas rua aqui, só tinha a rua principal e umas “ruinha” que desce aqui e era mais e em muitos lugares era “carreiro” por exemplo: para chegar na minha casa não tinha rua era “carreiro” essa rua aqui atrás do colégio era rua e aí a gente entrava no “carreiro” para chegar na minha casa que era meio como uma “chacrinha” e depois muitos anos, depois quando eu era moça que abriram a rua do lado da minha casa.

Daí eu morava numa casa bem modesta, era coberta de “tabuinha” e a minha mãe tirava água do poço, minha mãe era lavadeira meu pai era boiadeiro então era assim, num lugar bem humilde bem simples, mas tinha muito carinho minha mãe era dedicada a família...

A questão familiar tinha assim uma...

Era sim, tinha uma...

E a profissão dos seus pais Dona Lourdes?

Então, meu pai era boiadeiro era aquela pessoa que viajava 6 meses levando boiada, era peão, era um peão e minha mãe era do lar e lavadeira de roupa, ela lavava roupa pra fora, porque meu pai ficava muitos meses fora de casa então ela tinha que buscar alguma coisa para sobreviver, para tratar dos filhos e como a minha mãe era analfabeta, e aqui não existia assim, existia uma ou outra professora, o comercio, quem tinha comercio eram mais os familiares assim que, por exemplo: se tinha uma venda, quem cuidava era a família, não existiam muitos empregados.

Depois que meu pai ficou mais aqui, parou, ficou mais idoso, aí ele foi nomeado é inspetor de polícia, o que era conhecido, na época era chamado de inspetor de quarteirão, eu até tenho o documento dele dessa época. Então o que ele fazia? Hoje eu comparo como se fosse o conselho tutelar porque ele andava nas ruas, ele saia a noite para ser não tinha “menor” bebendo nos bares, se não tinha “menor” jogando “snook” e naquele tempo ele tinha um era chamado um “reio” um rabo de tatu que se fala e era bem cumprido e ele andava com aquilo nas costas, e quando ele tava chegando perto dos bares, ele estalava o “reio” aí tem um amigo meu o José Bueno que conta que quando ele ouvia. O meu pai era conhecido como o “brota” porque ele veio da cidade de Brotas, tanto é que o nome dele era Otavio Acácio de Oliveira, mais conhecido como “Brota” e teve uma época que ele me chamava de “brotinha”, isso me dava uma raiva...

Dona “brotinha”...

Aí esse Zé Bueno disse que assim que ouvia o estalar do chicote já sabia que o “Brota” tava chegando, e ele ‘chegava o reio’

Se tivesse molecada nos bares...

Se tivesse molecada nos bares ele tirava no rabo do tatu, e então, naquele tempo, os pais autorizavam entendeu? Daí eles (os meninos) corriam porque quando via, sabiam que iam apanhar mesmo.

E era aceito né?

Era aceito, naquele tempo até os professores que eu me lembro, que eu comecei a estudar numa escolinha isolada lá perto da onde era a Assembleia de Deus lá em baixo, não sei se você sabe, onde era o lar “cibeate” tem uma casa grande lá, lá era a

Assembleia de Deus, do lado de baixo tinha uma escolinha isolada e nessa escolinha a gente estudava lá e de lá inaugurou aqui e nós viemos para cá e era só um pedaço só.

E como é que era a escola? Era só o primário?

É, na época eu era o primeiro ano e a minha professora era a dona Maria Muziol Jaroskievicz tanto é que o nome da escola lá foi nós que homenageamos eu que homenageei ela com o nome da escola por ser a minha primeira professora, porque eu era secretaria de educação na época quando criou a escola, não me lembro bem a época.

Mas é assim, quando a gente veio para aqui, a gente veio para essas salas aqui e era bem, um grupo escolar chamado, grupo escolar Ouvidor Pires Pardiniho e daí as professoras eram rígidas, também batiam tinha vara de marmelo, régua...

Palmatória?

Não palmatória não, eu já tinha passado esse período da palmatória, era vara de marmelo e régua na cabeça.

Aí a gente já pode considerar que essa questão da relação entre pai e filho, aluno e professor era bem diferente dos dias de hoje?

Ah era bem diferente, era, assim, é muito relativo isso, porque havia o respeito e também o temor. Entendeu? Porque sabiam que se fizessem alguma coisa errada, você ia apanhar e essa surra poderia ser bem... Bem severa de ficar marcas e tudo mas então, eles eram muito estúpidos, eu apanhei da minha mãe, da minha mãe eu apanhei muito, do meu pai eu nunca apanhei, mas eu sei que meus irmãos apanharam, eles eram muito danados, meus irmãos não terminaram nem o primário porque, eles eram muito danados, por exemplo, eu vejo essas crianças de agora e eu me lembro deles (os irmãos) e eles fugiram da escola, daí minha mãe tirou, ficaram só com o segundo ano só foram alfabetizados

Então a senhora estudou nessa escola que era aqui em baixo e mudou para cá, e mudou o nome pro Erico?

La era escola isolada e eu não me lembro, mas o Érico demorou muito para mudar porque ele foi, Ouvidor Pires Pardiniho era naquele tempo o primário, o chamado primário, 1º, 2º, 3º, 4º ano depois de uns anos, foi criado o ginásio, o ginásio também

era assim 1º, 2º, 3º, 4º ano do ginásio, ginásial que era conhecido. Aí passou a ser Paulo Pimentel, só que esse Paulo Pimentel, tem que investigar se o ginásio ficou com ele e o primário ficou com o “Pardinho”. Isso eu não me lembro e depois que veio o ensino médio, daí que passou a ser Erico Veríssimo, colégio Estadual Erico Veríssimo, que passou a ser colégio, daí foi 5º,6º,7º,8º serie e depois 1º, 2º ano e daí foi mudando, aqui no colégio já teve curso profissionalizante noturno que teve vários cursos que já passaram por aqui e o formação de docentes que veio do Paulo Roberto Davantel que era ali onde era o “Elza” (um colégio próximo, os endereços serão anexados) foi um colégio cenecista fundado pelo dona professora Maria Olinda Davantel isso eu acho muito importante citar porque ela foi uma das precursoras do curso de formação de docentes aqui, porque ela foi professora, ela foi diretora dessa escola também e havia muita dificuldade pro pessoal estudar fora e daí ela batalhou, foi para Curitiba falar com deputados e governador, ela e o marido dela e mais pessoas da comunidade, o prefeito da época que eu não me recordo, foram todos e batalharam e abriram a escola Cenecista, essa escola Cenecista tinha que pagar, eu mesmo, me formei ali. Aí nos passamos a estudar na escola Cenecista. Eu o meu “ginásial” eu fiz no colégio São Domingos.

Então o São Domingos tem a muito tempo também?

Tem. Tem sim, eu estudei lá em que? 68 (1968) e eles abriram em 67, 68 (1967, 1968) por aí.

Dona Lourdes essa questão de infância, juventude. O que havia na cidade de lazer?

A minha infância foi assim, junto com a minha mãe, minha mãe era evangélica e eu acompanhava ela nos cultos, às vezes ia num batismo, e a gente ia de caminhão. Ate escrevi no meu livro isso. Depois na juventude o que tinha de lazer na época era o cinema da cidade, havia um cinema e tinha o clube, “40 Country Club” “Clube dos 40” como era chamado na época, e daí tinha os matine a tarde e eu gostava de ir, porque até antes de eu começar a namorar o Jhacer eu ia na igreja evangélica, meu lazer era só ir na igreja, depois que eu comecei a namorar ele aí abriu o leque um pouco daí eu comecei a frequentar outros tipos de lazer. Naquele tempo não tinha televisão aqui em Faxinal – PR, tanto é que na copa de 70 (1970) a gente foi assistir na casa do seu Onofre Olenick no final ainda, da copa, a gente se reuniu e foi lá porque as casas não tinham, era só radio. E uma das coisas que eu ouvia muito era a radio, então era uma coisa de lazer

também que existia, e passeios assim que a gente fazia, mas era mais centrado assim em família. Não tinha assim, a gente não ia na praia, até porque a gente não tinha recurso.

A próxima pergunta seria: Qual era a estrutura da cidade como escolas, hospitais e essas coisas no passado, mas a gente viu, então, qual o momento que a senhora considera um marco? Uma escola, um hospital que fez a senhora pensar: “tá crescendo a cidade”?

Eu acho que um dos marcos da cidade de Faxinal - PR foi os colégios, as escolas, tanto aqui quanto o colégio Cenecista e o colégio São Domingos porque não existia escola secundária aqui em Faxinal - PR e a construção da igreja matriz porque ali não existia nada e até todo mundo achava que o São Domingos era um loco fazer, construir uma igreja no meio do mato. A igreja era aqui, onde era o “Elza” mais ou menos, onde nós estamos ali no magistério, ali era a igreja.

A igreja Matriz é de mais ou menos quando?

Ah eu não me lembro.

Década de 70 será?

Ah isso eu acho que você deveria ligar lá e perguntar, só que a igreja matriz, foi assim, um marco, depois claro, teve o hospital que era lá em baixo. Mas eu acho que bem assim, foi isso. E uma coisa que marcou assim foi construção da “Santos Dumont” em paralelepípedo, porque não era asfalto, era paralelepípedo a “Santos Dumont” e essa aqui uma parte, eram as principais ruas, porque a avenida Brasil naquela época era mato assim, eram poucas ruas sabe? Não tinham. As principais ruas eram essas e a “Santos Dumont”.

E na Santos Dumont tinha o que? Umas “Vendinha”?

A “Santos Dumont” era bem evoluída tinha umas vendas, umas lojas, a prefeitura ficava na esquina, só que era uma prefeitura de madeira, e eu tenho foto! Se precisar...

E agora Dona Lourdes, a questão da cidade, já que a senhora nasceu, viveu, cresceu aqui, você considera que a cidade interferiu muito na sua vida pessoal? Você conseguiria pensar essa relação com a cidade, caso morasse em outra cidade?

Vamos supor se a senhora tivesse que mudar varias vezes, será que a senhora teria um vinculo com a cidade?

Ah eu acho que sim, porque eu viajo bastante e cada vez que eu viajo, eu quero voltar, eu sinto que aqui é a minha cidade! Eu penso que eu não mudaria não! Então eu acho que eu poderia até por necessidade, vamos supor que eu casasse com uma pessoa que não fosse daqui, eu iria embora e um dia voltaria pra cá. Eu acho que sim. Eu penso que sim.

A senhora não gostaria então de morar em outra cidade?

Não. Não gosto. Não penso assim de morar em outra cidade, como São Paulo – SP, Curitiba – PR, Londrina – PR, nem Apucarana – PR. Ficamos dois anos em Apucarana a gente voltou correndo para cá. Porque a minha mãe não gostou, não se acostumou sabe? Daí a gente veio, bem assim, Curitiba – PR eu não gosto daquela cidade, só vou lá para passear, Londrina – PR eu to gostando mais, mas assim é o Maximo, eu acho que assim, se eu tivesse que optar, eu iria para outra cidade, eu acho que tudo o que eu sei, tudo o que eu fiz, eu construi aqui.

Eu acho que sobre as cidades grandes, desde que eu era solteira eu sempre tive curiosidade, eu sempre fui estudiosa, eu sempre quis evoluir, eu busquei, eu não fiquei parada no tempo, mesmo morando aqui eu busquei então eu acho que isso aí, não é o tamanho da cidade que faz você. É você que se faz de acordo com a tua vontade, teu querer, com as tuas necessidades, eu acho que o importante é isso porque, é claro né, cada um dentro do seu poder.

Dona Lourdes, quase finalizando aqui Dona Lourdes, tendo em mente, vamos pensar a cidade nos últimos trinta anos, você acha que a cidade mudou muito e o que seria o que mais mudou?

(Pausa para uma aluna tirar algumas dúvidas sobre a apresentação de um seminário que ocorrera no mesmo dia)

Então Dona Lourdes, pensando de, por exemplo, a gente “tá” em 2016, a partir, por exemplo, de 1985, o que mais mudou?

Então, houve evolução, houve sim porque nós tivemos, por exemplo, na educação mesmo, houve uma evolução significativa hoje nós temos a UEL a UEPG com os

curso a distância aqui e são uns cursos importantes que oportunizam para os alunos da região aqui de Faxinal – PR, do Paraná inteiro né? Porque minha amiga diz que lá recebe alunos de vários bairros.

Então, vários bairros surgiram, porém eu ainda acho que poderia ter sido melhor. Eu acho que o “público” os administradores públicos pecaram bastante, principalmente os últimos oito anos deixaram muito a desejar, poderia ter havido mais embelezamento da cidade, nós temos a “clínica da mulher” que tá no papel desde a gestão anterior, nem desse atual, mas do anterior que ficou sem construir e passou mais oito anos servindo de sei lá o que. Nós temos o UPA que você sabe como que tá lá né? Teve prefeito que tinha que construir o lago Saracura 2 que tá só no papel. Mas em compensação nós tivemos evoluções, nós tivemos a caixa econômica tivemos assim, as universidades a distância que vieram para Faxinal – PR. Claro a parte estrutural teve, por exemplo, o “Santa Helena” que ganhou asfalto, algumas ruas, tiveram alguns avanços, que assim, regular eu diria, eu acho que faltou investimento, um maior investimento. Nós poderíamos ter mais indústrias aqui em Faxinal – PR é bem limitado, nós temos a única indústria a “Nutrimil” que só fica ali. Bem poderia ter mais, eu acho, não sei se há um poder financeiro que acaba segurando, a gente não entende. Eu acho que assim, os vereadores deveriam ser mais ativos, principalmente no que diz respeito à fiscalização, então a gente percebe que não há fiscalização por parte dos nossos representantes da câmara, então eu acho falho isso aí.

Para finalizar, essas mudanças que tiveram acabaram implicando em alguma coisa, será que essas mudanças, no caso das escolas, das universidades que tem a distância isso depois tem um efeito, e qual seria esse efeito?

E também no caso da expansão, vamos supor a construção de um Jardim, a senhora acha que isso acaba influenciando na relação do homem com a natureza?

Eu acho assim que, digamos assim, se você fosse pegar uma área de floresta ou uma mata como aqui o “verquelin” como a mata “verquelin” claro que eu sou totalmente contra mexer ali, eu sou totalmente contra, eu acho que ali tem que ser preservado, e pelo contrário tem que investir mais para preservar os rios e tal com mata ciliar, mas dentro da cidade eu acho que não interfere não, e nós somos bem pobres aqui de jardinagem a nossa praça, por exemplo, só tem grama e árvore.

Isso que eu acho só que eu vejo também que nós temos um grande problema, nós temos uma rua o calçadão que poderia estar... Só que eu vejo um grande problema que é a não-consciência das pessoas, porque já houveram um outras épocas plantaram flores e as pessoas arrancavam e levavam para casa, verdade! Você pensa? Então é falta de consciência, é cultural e até de embelezamento da cidade. Então, já aconteceu isso, mas eu acho que igual Faxinal - PR que é pequenininho, poderia embelezar mais as praças, não precisa construir mais praça, mas assim: melhorar o que tem, porque tem a praça da igreja “mãe da unidade” tem a praça da igreja matriz, a outra praça “Delcides Bahls” lá no “JK” também tem uma praça que tá bem acabada, descuidada, então eu acho assim, quem entrar, deveria fazer um trabalho em cima disso aí, a entrada da cidade, deveria ter algo...

Mas eu não acho que vá interferir na natureza não, a não ser que né?

Então Dona Lourdes, acho que é isso...

(Pausa para atendimento de outra aluna)

É basicamente isso?

Só caso eu não consiga ouvir, aí a gente pode marcar de novo?

Pode, pode sim! Caso você não ouça né? Mas olha eu tenho umas fotos caso você queira.

(pausa para uma breve conversa com uma amiga)

E eu já tenho scaneada, me passa seu e-mail.

Ok obrigado Dona Lourdes!

Por nada!

Dados de transcrição de entrevista: 02

Dados de gravação 02, hoje é dia 11/06/16 as 14h:22m, estamos na casa da colaboradora e eu sou o Renato, e vamos lá:

Minha querida, qual seu nome completo?

Antonia Zonela Bocardo

E o endereço aqui?

Rua Santos Dumont, 774

Beleza, e a senhora tem quantos anos?

78

E agora a senhora é do lar?

Sempre fui

Sempre foi do lar?

Sempre

Então tá bom, é mais ou menos o que eu já tinha comentado com a senhora, agora é: há quanto tempo a senhora mora em Faxinal - PR ?

44 anos

E nessa mesma casa?

Nessa casa, bem nessa mesma casa faz 11 (anos), mas eu morava ali na frente (a "D.Nica" construiu um sobrado na parte da frente do terreno e construiu uma casa no fundo, a qual a mesma mora) no mesmo lugar, na mesma rua, no mesmo quintal só que era ali na frente, era uma casa de madeira ali, aí eu desmanchei e fiz o prédio.

E como que era antigamente, a cidade?

Bem a cidade era bem calma, as ruas eram de terra não tinha asfalto.

As casas?

As casas todas de madeira...

Mas tinham muitas?

Casa?

É

Ah, no centro era igual, só que era tudo de madeira, as casas, o comércio, não tinham o material, na época que eu entrei aqui, só tinha o “Seu Abílio” que na esquina era prédio, era só ele, mas para baixo era só madeira.

Mas era juntinho uma da outra ou era meio “espaçado”?

Era do mesmo jeito, todas as datas tinham, tinha bastante gente aqui no centro, a cidade cresceu aqui para fora, mas o centro é o mesmo, só que agora é tudo de material, é tudo mais bonito né? (risos) antes era feio, aquelas casas velhas, de madeira...

E no frio, como que era casa de madeira? Era mais frio ou mesma coisa?

Ah era quentinho, porque era bem fechadinha né?

É agora que tá frio mesmo né?

É uhum (risos) então, as casas eram tudo de madeira.

E a senhora mora aqui em Faxinal - PR a quanto tempo mesmo?

44 anos

44?

Aqui na cidade né? Mas agora na região faz uns 60 ou mais. Mais de 60 já.

E antes de morar em Faxinal - PR onde a senhora morava?

Eu morava na Fazenda Limeira, lá em baixo, na estrada de Grandes Rios – PR.

E como foi a infância da senhora?

A minha infância? Sabe que eu não me lembro (risos) a normal né? No sítio

E o que vocês faziam no sítio?

Ah brincava de casinha, ficava no “balango” que amarrava na árvore, fazia comidinha, brincava de boneca.

E os pais da senhora o que eles faziam? De profissão...

Meus pais eram lavradores, trabalhavam na roça, minha mãe do lar.

E como era a família? Pai e mãe e quantos irmãos?

Nóis era em 9 irmãos.

9 irmãos? Quantas mulheres quantos homens?

4 mulher e 5 homens

E todos vivos ainda?

Todos vivos graças a Deus, e eu sou a mais velha.

E o mais novo tem quantos anos?

O mais novo? Tem quantos anos? O Zeca deve ter uns 65 ele nasceu em 52 (1952) só fazer as conta.

O que de antigamente para hoje que é muito diferente?

Ah tudo né? Mudou muito.

Mas, vamos supor...

O modo de viver é diferente tudo, a gente naquela época só tinha uma televisãozinha preto e branco, um radinho, hoje em dia a gente tem tudo né? Mas foi tudo para melhor né?

Ah bom (risos) Mas sobre quando a senhora morava lá e vinha para cidade, já era aqui?

Já era aqui.

E como era? A senhora lembra?

Ah dos 44 anos que eu moro aqui e da época que eu vivi no sitio era quase igual, não tinha mudado muito, mudou bem de uns 20 anos para cá que a cidade veio mudar bastante, antes não. Antes era bem pacata. Não é Cida?

É tinha bem pouca coisa, no tempo que você casou, não tinha nada, tinha o fórum que eu nem lembro onde era mais.

Era em frente o Erico (colégio estadual Erico Veríssimo)

A igrejinha de madeira lá em baixo, onde é o Erico Veríssimo lá, rodoviária era lá perto

O hospital era de madeira lá em baixo no final da Avenida Eugenio Bastiani, o hospital era lá, o hospital São Luiz.

E a senhora estudou até que ano?

Ah eu nunca fui na escola, o que eu aprendi, aprendi em casa com meu pai.

E a senhora sabe o que? Escrever o nome, ler...

Ah eu sei escrever o nome, sei fazer conta, sei até bem, eu sou inteligente

E antigamente o que tinha de lazer na cidade?

Lazer? Aqui na cidade? Ah tinha o cinema

E faz muita falta?

Não. Porque hoje a gente tem televisão.

Ahhh antigamente não tinha televisão. E onde era o cinema?

O cinema, lá do lado do Erico, era um barracão velho, que não existe mais, demoliram e construíram um prédio, mas não tem mais nada, aí depois mudou para ali perto de uma loja grande hoje a “Ki – Barato”.

E tinha bastante escola, hospital essas coisas?

Hospital só tinha um, só o São Luiz.

Isso a quanto tempo, uns 40 anos atrás?

A há mais né? Uns 50 anos. Aí surgiu o “Santa felicidade”, eram dois, o municipal é novo, da época que a gente vive, o municipal é novo.

E quantos anos tem o municipal?

O municipal é novo, deve ter uns 15 anos, não mais uns 20 anos, é novo, perto da nossa época é novo.

Então quando construíram o municipal já tinha casa perto e aquele conjunto?

Lá em cima? Tinha tinha...

Qual que cresceu primeiro perto do hospital ou perto da “mãe da unidade” ?

Lá em cima perto do hospital, porque antigamente a cidade já era lá, era um monte de casinha de madeira, mas já era lá.

Por causa do caminho da bufadeira?

É eu acho que sim. Porque já subia pela Eugenio Bastiani e saía era tudo cidade lá, subia e já tinha as casinha lá, na época que a gente mudou aqui, eu lembro que a gente ia almoçar num restaurantezinho lá em cima. Depois que foi crescendo para trás aqui, esse conjunto.

Perto do “Cecília”?

Isso! Então ali não existia nada ali, perto do “mutirão” era chácara ali era roça, só roça.

E o que mudou? Surgiu mais casas? Surgiu comercio?

É isso...

Aí como a senhora mora a 44 anos aqui a senhora acha que a cidade interferiu na vida da senhora? Como a senhora acha que seria a vida da senhora se morasse em uma outra cidade, uma cidade grande, por exemplo?

Ah não acostumaria não.

Ia ser diferente?

Ish... porque eu sou acostumada aqui, a gente se criou aqui praticamente, quando a gente veio morar aqui na região, eu tinha 16 anos, eu era menina. Então eu não saberia viver em outro lugar.

Não?

Seria difícil...

É isso que eu quero registrar, é isso.

Mas tá certo?

Não tem essa de certo, é isso que eu quero fazer no trabalho, não uma coisa assim, sabe: “a prefeitura e tals” eu quero o que a senhora viveu e o que mudou.

O cotidiano da pessoa?

Isso! Como se fosse uma História do cotidiano.

Bem vamos ver, a senhora acha que há uma boa relação da cidade de Faxinal - PR com os outros municípios?

Ah sim hoje em dia sim, é bem interagido.

E antigamente?

Antigamente não. Era mais afastado. Porque olha o município de Faxinal - PR antigamente era muito grande, descia até a balsa do Rio Ivaí.

Era tudo território de Faxinal – PR?

Era tudo território, até Mauá (Mauá da Serra – PR) era tudo Faxinal – PR, era muito grande o município, depois foi dividindo né?

Foi surgindo outros?

É lá foi, onde era Cruzmaltina, Mauá, antigamente era muito grande a região de Faxinal – PR, aqui era praticamente centro, que nem hospital mesmo, aqui era o centro, tudo da região vinha aqui no hospital.

Ele era o centro da região então?

Ele era o centro da região, as pessoas vinham de longe se internar aqui. Hoje que acabou tudo, mas vinha tudo de fora, vinha de Rosário do Ivaí, Grandes rios, Borrazópolis vinha tudo aqui, agora que surgiu outros hospitais por aí, aí Faxinal - PR foi ficando...

E agora Faxinal - PR ...

E agora Faxinal - PR que tem que correr, porque olha que nem, Ivaiporã – PR, o pessoal vinha aqui, agora o pessoal vai para lá.

E Ivaíporã? É muita velha?

Ah é hein...

Porque Faxinal - PR o município é de 1951, mas já tinha gente morando...

Ish já tinha uns 30 anos, 40 anos... Já era velho. Quando nós mudamos aqui em 1954 Faxinal - PR já tinha mais de 30 anos, nessa época, Faxinal - PR é muito velho. Só que não era município, pertencia a Marilândia do Sul aí depois que emancipou e teve o prefeito, o prefeito chamava “Pedro Jorge” Pedro Gonçalves da Luz, era o nome dele, por isso que tem o nome do núcleo lá em cima.

Esse que era o...

Esse que era o prefeito, depois foi Expedito Zanotti

Então quando foi ter prefeito já tinha as ruas e tals...

Tinha, já era marcadinho as ruas, lá em baixo era a avenida Paraná, onde é a avenida Eugenio Bastiani hoje.

Aí mudou os nomes...

Sim porque ele era o pioneiro da cidade, o Eugenio Bastiani aí quando ele morreu, puseram na rua o nome dele, foi mudado todos os nomes de ruas.

Então esses nomes são segundo nome?

Sim. Essa travessa aqui era a Rua espírito santo, hoje é José Martins Vieira, ali em baixo tem a Ismael Pinto Siqueira que era a Duque de Caxias. Ali a rua do Hospital a Iany de Oliveira Munhoz era a rua Tiradentes.

E isso foi depois do primeiro prefeito?

Foi, foi, depois que os velhos começaram a morrer, foram mudando. E tem mais ruas que mudou.

Em frente o salão paroquial tinha outro nome, agora é Leônidas Buy ele que era uma pessoa daqui que morreu, aí foi morrendo e foi trocando os nomes, só que aquela rua lá eu não lembro o nome dela.

Não, não, tudo bem.

A rua lá de casa foi trocada também, era Bahia, agora é Antonio de Silveira Melo

Então, tudo isso foi mudança que teve na cidade...

A senhora já acabou respondendo a pergunta que eu ia fazer aqui agora, que era assim: “Tendo em mente os últimos 30 anos a cidade mudou muito?” mas já foi a senhora já adiantou...

Então, só não mudou essa aqui a Av. Brasil, que manteve.

E essas mudanças a senhora acha que foram positivas ou...

Ah pra mim tanto faz, eu preferia que fosse os nomes antigos que eram pessoas importantes da História do Brasil, a História do Brasil.

Aí tem os nomes das pessoas daqui...

É...

Mas é importante também!

É importante, lá em cima tem um conjunto que tem o nome do meu sogro: “Domingos Bocardo” eu não sei exatamente onde fica porque eu não andei ainda por lá, mas sei que tem. É vai morrendo as pessoas antigas vão pondo o nome.

(Pausa para dar atenção ao neto que aparece na sala)

Aí a questão da natureza, da paisagem? Mudou muito?

Ah mudou né? Era mais verde, hoje tá muito desmatado, além de que hoje tá tudo mais mecanizado, antigamente não era, antes era tudo feito na mão.

Hoje tá...

Hoje são mecanizadas as plantações. Destrói tudo. Desmata muito.

Mas matão, matão mesmo não tinha faz muitos anos faz tempo, quando nós chegamos aqui, já tinha acabado, quando a gente veio morar aqui na região há uns 60 anos já não tinha, em 1954 que nós chegamos aqui já tinha muito pouco mato, aqui na região de

Faxinal – PR, aqui se chamava “Terra da Samambaia”, porque tinha acabado o mato só tinha samambaia e tinha os “safristas” sabe o que é “safrista”?

Não...

“Safrista” é criador de porco, plantavam roça de milho e depois soltavam os porcos para comer, para engordar, aí eles levavam para Ponta Grossa – PR para vender na época. E nem estrada tinha, era tudo no meio do mato.

E como que levava?

Tocado, que nem se tocava boi. A pé.

E não chegava magro já não?

Era costume né? Porque nem estrada tinha ia pelas picada, estradinha de chão mesmo, antigamente era assim, na região, há uns 100 anos, porque oh chegamos aqui a cidade já tinha mais de 30 anos, essa época já tinha passado então deve ter quase 100 anos quase.

Então é isso...

As coisas mudaram muito, da água pro vinho...

E a senhora acha que tá bom hoje, ou era melhor antigamente, o modo de viver?

Ah hoje tá melhor, mais conforto, antigamente a vida era muito sofrida, a gente não tinha água encanada, não tinha nada! Era tirada do poço, com balde, a gente andava a pé porque não tinha carro...

E quando a senhora veio morar aqui já tinha luz?

Luz tinha, não tinha na minha casa, água encanada. Depois foi tudo melhorando.

Então tá bom hoje?

Tá uma maravilha, se melhorar estraga.

Ah então tá bom minha querida, acho que é isso, obrigado viu?

Por nada

Dados de gravação 03 hoje é dia 11/06/16 às 16h03m. Estou aqui com a minha colaboradora.

Nome completo minha querida?

Aparecida Zaneli Cordioli

Endereço?

Rua Sete de setembro, 823, Faxinal – PR.

Profissão? Do lar mesmo?

É eu costuro, mas pode por do lar.

Então é costureira e do lar.

As perguntas a senhora já tinha visto não é? Então tá tranquilo, então vamos lá:

Bem, a quanto tempo a senhora mora em Faxinal – PR?

32 anos

E na mesma residência?

28 anos, morei 4 anos na casa da finada sogra.

E sobre morar em Faxinal - PR como foi o começo e a região lá onde a senhora mora, e como que era habitado, como eram as casas, como era a rua?

As casas eram de madeira, as rua tudo de chão ainda, não eram asfaltadas. Não pera, ali já tinha asfalto sim, tinha... e a região ali é que nem era agora, mesma coisa, há 32 anos atrás.

E mais antes a senhora não lembra?

Ah eu lembro que as ruas eram espaçosas. As casas longe uma da outra, de madeira.

Água, luz?

Tinha. Na casa que viemos morar, já tinha.

Mas tinha porque era perto do centro não é?

É. É no centro. A gente morava bem no centro né?

Mas as casas mais longe...

As casas mais longe não tinham.

Agora sobre aquela questão que a gente tinha comentado, a questão da infância, de crescer aqui, como que foi a sua infância?

A minha infância foi na roça, brincando de casinha, andando a cavalo, andando de bicicleta, caía meus tombos lá mas não parava, pulava corda, mas tinha que ajudar na roça, pegava uma cestona de comida na cabeça e levava pros irmãos lá na roça...

e qual que era a profissão dos seu pais então?

Lavrador.

E como é que era a família? Os irmãos e tudo...

9 irmãos. Papai mamãe e nove irmãos.

Então 11 na casa, papai, mamãe e nove irmãos..

5 mulher e 4 homens.

E a casa como que era? A casa do sítio?

A casa do sitio? era de madeira também, de chão...

Chão de terra batida? Não era nem vermelhão?

Quando nós era criança depois ficou ladrilhado.

E o que daquela época que é muito diferente hoje?

Ah tudo, (risos)

Como assim? Tudo...

Tudo tudo, tá tudo mais fácil, mais melhor...

Relação de família era a mesma coisa?

Relação de família?

É

Assim entre os vizinhos? Ou a família?

Relação entre pai e filho...

Ah tá bem diferente hoje, da para você notar né?

Entendi...

E a cidade quando a senhora era pequena, como era a cidade, como que vinha, o que fazia, aonde ia?

Nóis vinha para comprar um sapatinho, fazer um permanente (risos) a gente vinha de carroção...

Eram muitos quilômetros? Era muito longe?

20 quilômetros.

De carroça?

De carroça, saia cedo e voltava de noite

Tirava o dia?

Tirava o dia para vir para cidade.

Mas também era raro?

Era uma vez por ano, a cada seis meses, só quando precisava fazer as coisas mesmo.

Só quando era necessário.

Só quando era necessário.

E a escolarização da senhora? A senhora estudou até que ano?

3º ano primário.

Então a senhora sabe ler e escrever bem?

Mais ou menos.

Então a senhora estudou em escola de sítio?

Uhum.

E a escola tem até hoje?

Não. Não tem mais nada.

E o que que tinha na cidade de lazer?

Tinha o cinema e de vez em quando vinha circo, até no sítio ia circo.

E ia bastante gente? Pessoal de perto...

A vizinha ia tudo. Além dos bailes que eu falei que tinha terço nas casas em tempos de São João, Santo Antonio, tinham mais “bailão” assim...

E como que era?

Tinha sanfona, gente cantando, violão...

E a fogueira, como que era?

De madeira (risos)

Não, mas como que funcionava?

Era terço, depois brincava, tacava fogo na fogueira e era baile até amanhecer...

E qual que era a estrutura da cidade, se tinha hospital, escola, qual era o hospital, qual era a escola?

Tinha o hospital São Luiz, que era lá em baixo..

Era público ou não?

Não. Era tudo pago.

E ele foi o primeiro da cidade?

Ele foi o primeiro, que era lá em baixo, era um hotel e passou a ser hospital e os médicos moravam dentro do hospital. E daí veio o Dr. Milton e também veio morar no hospital, Dr. Walter, os médicos moravam no hospital.

E escola? Tinha bastante?

Escola que eu me lembro, só o Erico Veríssimo, e era bem “pequenininho”

E na questão da estrutura da cidade, teve bastante mudança?

Teve muita.

O que mudou?

Mudou porque veio o colégio das irmãs, o hospital municipal, as clínicas, tem muitas agora.

Agora sobre morar tanto tempo na cidade, a senhora acha que a cidade interferiu na vida da senhora, como seria se a senhora morasse em outra cidade, uma cidade grande e tais?

Ah seria difícil, eu não ia acostumar, porque a gente é acostumada no mundinho da gente né?

Não pensa em morar em outro lugar?

Ah não! Não me sentiria bem

A senhora gosta daqui?

Gosto, adoro a minha cidade!

É?

Uhum

Então tá certo, era isso mesmo, agora o que eu havia comentado lá, qual que é sua opinião em relação com outras cidades, hoje aparenta ser mais perto e antigamente?

Ah era difícil né? Porque agora é tudo carro, tem estrada, aquela época era tudo carroça, então era mais difícil né?

Era mais difícil para ir para outra cidade, para voltar..?

Era. Só tinha um ônibus velho que ia para Marilândia.

Agora, do tempo que a senhora mudou naquela casa (atual residência) a senhora acha que a cidade mudou muito?

Mudou de que jeito?

De crescer, ou não mudou, o que mudou, se mudou?

Mudou bastante, tem bastante conjunto agora, quando nós mudamos ali, só tinha um conjunto bem longe, aí foi crescendo... Surgiu o conjunto JK, Jardim nutrimil, jardim Aracy... Adram, tudo conjunto novo.

E essas mudanças da cidade crescer, foi bom ou não?

Ah bom né?

Porque?

Ah eu acho que tinha que ter mais indústria para as pessoas terem mais empregos.

Tinha que ter mais indústria para as pessoas terem mais empregos então? Tem pouca indústria para o tamanho da cidade então?

Pouca indústria pro tamanho da cidade...

E a natureza? Mudou muito? Se tinha muito mato, qual o tipo de mato que era? A senhora falou que tinha muita chacarazinha não é?

Tinha chácara e tinha bastante “capoeira” né?

E como que era?

Ah eram sítios, chácaras de 10, 15 alqueires...

E o que os caras faziam?

Ah plantavam ,tinham vaca, tinha cafezal... agora não tem mais nada disso...

Por que agora não tem mais café?

Agora é só soja, antigamente era só café...

Entendeu?

Entendi minha querida, entendi que a fogueira era de madeira (risos) depois eu passo a limpo, e obrigado viu?

Por nada! Ignore as “tonguice” que foi falado aí.

Que isso, relaxa, obrigado viu?

Por nada!